

O Livro da Intenção *Ramon Llull* (c. 1283)

e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i
Traduccions / IVITRA Polyglot e-Publishing. Studies,
Editions and Translations

Biblioteca de Clàssics de la Mediterrània- Corona d'Aragó /
Library of Mediterranean Classics-Crown of Aragon

Tradução
Ricardo da Costa
Grupo de Pesquisas
Medievais da UFES III



www.ivitra.ua.es





www.ivitra.ua.es

2010

I.S.B.N. 978-84-693-7753-6

Edición electrónica al cuidado de Martines Peres, Vicent; Fuster Ortuño, Maria Àngels; Sánchez López, Elena; Ruiz Guardiola, Ramon; Navarro Aguado, Luis (todos miembros de los proyectos IVITRA, Digicotracam [Prometeo-2009-042]) / Edició electrònica a cura de Martines Peres, Vicent; Fuster Ortuño, Maria Àngels; Sánchez López, Elena; Ruiz Guardiola, Ramon; Navarro Aguado, Luis (tots membres dels projectes IVITRA, Digicotracam [Prometeo-2009-042])

Sèrie: e-Editorial IVITRA Poliglota. Estudis, Edicions i Traduccions / IVITRA Polyglot e-Publishing. Studies, Editions and Translations

Subsèrie: Biblioteca de Clàssics de la Mediterrànea- Corona d'Aragó / Library of Mediterranean Classics-Crown of Aragon

Editors



Compta amb el suport de:



The Anglo-Catalan Society

Associació
 Internacional de
 Llengua i
 Literatura
 Catalanes



Director de la Col·lecció / Series' Editor

Prof. Dr. Vicent Peres Martines (Universidad de Alicante, Spain)

Consell Científic Internacional / International Scientific Committee

Prof. Dr. Hans-Ingo Radatz (Universität Bamberg, Germany)

Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa (Universidade Federal do Espírito Santo, Brazil. Acadèmic corresponent Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona [RABLB].)

Prof. Dr. Dominique De Courcelles (CNRS, École Nationale des Chartres, France. RABLB.)

Prof. Dr. Jean-Marie Barberà (Université Aix-en-Provence, France)

Prof. Dr. Bálaás Déri (Universidad Eötvös Lóránd de Budapest, Hungary)

Prof. Dr. Kálmán Fáluba (Universidad Eötvös Lóránd de Budapest, Hungary)

Prof. Dr. AnnaMaria Annichiarico (Università di Roma Tre, Italy)

Prof. Dr. Annamaria Babbi (Università di Verona, Italy)

Prof. Dr. Costanzo Di Girolamo (Università Federico II, Nàpols, Italy)

Prof. Dra. Alfonsina Di Benedetto (Università di Bari, Italy)

Prof. Dr. Giuseppe Mazzocchi (Università di Pavia, Italy)

Prof. Dr. Coman Lupu (Universidad de Bucarest, Romania)

Prof. Dr. Robert Archer (Cervantes Chair, King's College, London, United Kingdom. Institut d'Estudis Catalans [IEC].)

Prof. Dr. Dominic Keown (Fitzwilliams College, University of Cambridge, United Kingdom)

Prof. Dr. Júlia Butinyà (Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, Spain. RABLB.)

Prof. Dr. Julio Cabero (Universidad de Sevilla, Spain)

Prof. Dr. Antoni Ferrando (Universitat de València, Spain. IEC. RABLB. Acadèmia Valenciana de la Llengua [AVL].)

Prof. Dr. Albert Hauf (Universitat de València, Spain. IEC. AVL. Estudi General Lul·lià.)

Prof. Dr. Francisco Franco Sánchez (Universitat d'Alacant, Spain)

Dra. Europea Maria Àngels Fuster Ortuño (Universitat d'Alacant, Spain)

Prof. Dr. Josep Martines (Universitat d'Alacant, Spain. IEC.)

Prof. Dr. Juan Francisco Mesa Sanz (Universitat d'Alacant, Spain)

Prof. Dr. Pedro Mogorrón (Universitat d'Alacant, Spain)

Prof. Dr. Rosabel Roig Vila (Universitat d'Alacant, Spain)

Dra. Europea Elena Sánchez López (Universitat d'Alacant, Spain)

Prof. Dr. Manuel Serrano Espinosa (Universitat d'Alacant, Spain)

Ramon Llull (1232-1316)

O Livro da Intenção

(c. 1283)

Tradução do catalão antigo:

Ricardo da Costa

e

Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III

(Alessandra André - Angélica Virgílio - Cintia Morello - Elgiane Scheila de Souza - Felipe Dias de Souza - Ivana Moraes - Jéssica Fortunata do Amaral - Leonardo Gonçalves Prates - Luciana S. Andrade - Márcia Regina Velozo - Michele Cordeiro - Paulo César Passamai - Revson Ost - Silvana Correa Batista e Tatyana Nunes Lemos)

Revisão:

Prof. Dr. Ricardo da Costa (Ufes)

Supervisão, notas e comparação com o texto latino:

Prof. Dr. Alexander Fidora

(*Goethe-Universität Frankfurt/ Alemanha*)

Vitória – Brasil

2002

Sumário

O LIVRO DA INTENÇÃO (C. 1283).....	3
Do Preâmbulo.....	3
I. Divisão.....	3
II. Deus	5
III. A Criação	6
IV. A Encarnação	7
V. Da Tentação	7
V.1. Da Fé.....	8
V.2. Da Esperança.....	8
V.3. Da Caridade	9
V.4. Da Justiça.....	9
V.5. Da Prudência.....	10
V.6. Da Fortaleza.....	10
V.7. Da Temperança	11
V.8. Da Gluttonia	12
V.9. Da Luxúria.....	12
V.10. Da Avareza.....	13
V.11. Da Soberba.....	14
V.12. Da Acídia.....	15
V.13. Da Inveja	15
V.14. Da Ira.....	16
V.15. Da Oração	16
V.16. Da Confissão	17
V.17. Do Sacrifício	18
V.18. Do Matrimônio.....	19
V.19. Das Ciências.....	19
V.20. Dos Infiéis.....	20
V.21. Da Riqueza	21
V.22. Da Pobreza.....	21
V. 23. Do Honramento.....	22
V.24. Dos Elementos	23
V.25. Do Prelado	23
V.26. Do Religioso	24
V.27. Do Clérigo.....	24
V.28. Do Príncipe.....	25
V.29. Dos Cavaleiros.....	26
V.30. Do Povo	26

O Livro da Intenção (c. 1283)¹

Ramon Llull (1232-1316)

Tradução: Ricardo da Costa e

Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III

(Alessandra André - Angélica Virgílio - Cintia Morello

Elgiane S. de Souza - Felipe Dias de Souza - Ivana Moraes

Jéssica F. do Amaral - Leonardo G. Prates - Luciana S. Andrade

Márcia R. Velozo - Michele Cordeiro - Paulo C. Passamai

Revson Ost - Silvana C. Batista e Tatyana Nunes Lemos)

*

Deus, infinitamente inteligível e amável: um homenzinho desconhecido, pobre de virtudes e de amigos, indigno por culpas e pecados, faz, com Vossa virtude, este *Livro da Intenção* para seu amável filho, de tal maneira que a intenção, por Vossa graça, encaminhe-o para Vos conhecer, Vos amar, Vos honrar, Vos servir e Vos glorificar, e que ele tenha a verdadeira intenção neste mundo na alteza e na honra que Lhe convém.

Do Preâmbulo

1. Deitado em meu leito e pensando, fui lembrando como o mundo encontra-se em estado de tormento por privação da verdadeira intenção, ausente do entendimento humano por falta da vontade ordenada para lembrar e entender. E como poucos são os homens que estão em bom estado comparados àqueles que atormentam o mundo e que não têm em suas obras a verdadeira intenção, é a mim muito temível a falta que existe no mundo, e temo que meu filho, que a natureza me fez amar e que recentemente veio ao mundo, tenha falta da intenção. Por isso, componho este *Livro* para que meu filho saiba conhecer a intenção e através desse conhecimento sua vontade deseje amar, servir e mostrar a todos.

2. Para relembrar as cinco chagas de Nosso Senhor Deus Jesus Cristo, que é homem e Deus, dividimos este *Livro da Intenção* em cinco capítulos consecutivos, isto é: Divisão, Deus, Criação, Encarnação e Tentação.

3. Amável filho, estes cinco capítulos são suficientes para compreenderes a doutrina e o uso da intenção. E em tudo que cogitares, falares e fizeres, esforça-te para teres a intenção ordenada e verdadeira, e não sejas injurioso nem desobediente, porque nem o ouro nem a prata, os castelos, as cidades, os impérios e os reinos, os parentes, os honramentos, a vida e as delicadezas valem tanto quanto faz a verdadeira, devota e ordenada intenção, fortificada no coração humano com a deliberação do livre-arbítrio na lembrança, na vontade e no entendimento justificados.

I. Divisão

1. Amável filho, a intenção é obra do entendimento e da vontade que se movem para dar o cumprimento da coisa desejada e entendida. E a intenção é um ato de um apetite natural que requer a perfeição que lhe convém naturalmente.

2. Filho, essa intenção da qual tens necessidade é dividida em duas maneiras, isto é, a primeira intenção e a segunda. A primeira é melhor e mais nobre que a segunda porque é mais útil e mais necessária; a primeira

¹ Tradução feita a partir da edição *Obres de Ramon Llull* (ed. Moss. Salvador Galmés) (ORL). Palma de Mallorca: 1935, volume XVIII, p. 03-66. O Prof. Dr. Alexander Fidora (Goethe-Universität Frankfurt/Alemanha) comparou nossa tradução com a edição latina do texto (publicada em *Raymundi Lulli Opera Latina*. Ed. Ivo Salzinger e Fr. Ph. Wolff, MOG, Mainz, 1737, volume VI, p. 537-560; reimpresso em 1965), modificando, sempre que considerou necessário, partes onde o texto latino estava com o sentido mais claro que o em catalão.

é o princípio da segunda, e a segunda é movida pela primeira de tal maneira que a segunda é instrumento e aparelho para que a primeira intenção tenha o que lhe convém de acordo com seu cumprimento.

3. Filho, convém exemplificar ambas as intenções para que possas ter conhecimento. E como eu trabalho para tua utilidade, trabalha tu para entenderes isto que te mostro a respeito da intenção, e lembra e relembra estas palavras para que muitas vezes lembres, ames e tenhas a intenção em teu conhecimento.

4. Filho, se tu desejas fazer um livro com algum escrivão, debes ter a primeira intenção para fazeres o livro e a segunda para dares dinheiro àquele homem que faz o livro. E como amas mais o livro que o dinheiro que dás, o livro é a primeira intenção e o dinheiro a segunda. E o escrivão faz o contrário disso, pois ama mais o dinheiro que recebe pelo trabalho que o livro que faz, pois se amasse mais o livro que o dinheiro não daria o livro pelo dinheiro.

5. Filho, já te falei da intenção que existe nas obras sensuais e artificiais. Agora desejo te dar exemplo da intenção que existe nas obras intelectuais. Entende que o livro que tu fazes escrever é a segunda intenção, e a ciência que desejas ter é a primeira, pois mais vale a ciência que o livro.

6. Filho, o entendimento que tens é pela segunda intenção, e a obra do entendimento, isto é, o ato de entender, é pela primeira, pois melhor coisa é a obra da virtude, que não é a virtude, pois a virtude existe para que exista sua obra.

7. Filho, a boa obra que tens em teu entendimento quando entendes existe pela segunda intenção. Por sua vez, o mérito que tens existe pela primeira, pois tu entendes para que tenhas mérito, e o mérito que tens por entender existe pela segunda intenção. A glória que tu tiveres existe pelo mérito que existe pela primeira, pois tu tens mérito para que tenhas glória.

8. Filho, a glória que terás no paraíso, se nele entrares, será pela segunda intenção, e o conhecimento e o amor que tiveres de Deus serão pela primeira, pois melhor coisa é a intenção de conhecer e amar Deus que ter glória por conhecê-Lo e amá-Lo, pois Deus é mais inteligível e amável que tua glória.

9. Filho, Deus é tão digno de ser conhecido e amado que a intenção que o homem, quando é digno, tem de conhecê-Lo e amá-Lo, não pode mudar em mais alto grau. Por isso, a melhor coisa é o entendimento do entender que entende Deus e não o mérito e a glória que o homem tem por entender. E se isso não fosse assim, a intenção seria mais obrigada aos homens que às honras de Deus.

10. Filho, basta te falar da intenção artificial nas coisas corporais e espirituais, se sabes entendê-la, e saberás entendê-la se desejares entendê-la. E como desejo te falar da intenção natural, entende que a árvore é a segunda intenção e o fruto é a primeira, porque melhor coisa é o fruto que a árvore.

11. Filho, o corpo que tens existe para a segunda intenção e a alma existe para a primeira, pois a alma vale mais que o corpo e o corpo existe para que a alma possa lembrar, entender e amar a Deus, as virtudes e as boas obras.

12. Amável filho, por três maneiras te dei o conhecimento da primeira e da segunda intenção. Assim, pedi que tua intenção fosse ordenada de tal maneira que não amasses através da segunda o que convinha ser amado pela primeira, nem amasses com a primeira o que não fosse digno de ser amado.

13. Filho, os homens pecadores amam acidentalmente com as duas intenções desordenadas sem amores. Pois amar teu belo livro porque é belo e não amá-lo por dar entendimento é o desordenamento da intenção. E tal maneira de amar o belo livro é a primeira intenção e amar o entendimento é pela segunda, pois o homem desordenado tem maior força de vontade para fazer o belo livro que para entendê-lo.

14. Filho, as duas intenções são invertidas na vontade dos homens que amam mais as coisas terrenas que as coisas espirituais, e por isso esses homens são pecadores, porque desordenam a intenção contra seus ordenamentos substanciais.

15. Filho, em tudo quanto fizeres, disseres e cogitares, tenhas conhecimento das duas intenções ditas acima, pois convém que as duas intenções sejam necessárias em tudo que o homem faz e pode fazer corporal e espiritualmente; uma não pode ser menor que a outra e em cada uma das coisas o homem pode ter o ordenamento ou o desordenamento.

II. Deus

1. Deus, que é o soberano bem, é inteligível e amável. Por isso, filho, convém que Deus seja a Sua própria intenção, pois infinita e eternamente Ele é inteligível e amável, e convém que tal inteligibilidade e amabilidade sejam Deus, pois Sua inteligibilidade pode ser entendida e Sua amabilidade pode ser amada na infinidade e eternidade da entidade divina, e que ao mesmo tempo seja uma simples substância e um Deus.

2. Filho, saibas que se Deus com Seu entendimento e Sua vontade, Se entendesse e Se amasse ser a intenção, teria superfluidade, pois não haveria utilidade em Deus de entender e amar a Si mesmo, e convém que tal utilidade seja igual a Deus por ser Deus eterno e infinito, pela qual eternidade e infinidade não pode nem quer multiplicar a justiça em Sua virtude, nem pode cessar Sua utilidade na intenção que há em Sua eterna e infinita perfeição.

3. Na intenção de Deus não há divisão da primeira e da segunda intenção nem existe menoridade, porque toda a Sua intenção é infinita e eterna. Por isso, filho, não cabe a segunda intenção. Filho, como a intenção de Deus é tão alta em excelência de virtude, Deus é inteligível e amável por Si mesmo, e criou a intenção em ti para que com ela O entendas e O ames por Sua bondade e Sua perfeição.

4. Filho, sabes por que Deus é mais amável que temível? Porque o amor é melhor coisa que o temor, pois o amor existe infinita e eternamente em Deus, e o temor tem princípio². E como Deus é mais amável que temível, te aconselho, filho, que tenhas a intenção de amar a Deus porque Ele é bom, poderoso, grande e digno de todos os honramentos. E que assim a tua primeira intenção seja amá-Lo e a segunda temê-Lo.

5. Ah, filho, tão poucos são os homens que têm a verdadeira intenção de amar e temer a Deus! Pois os demais homens que amam e temem a Deus O amam para receberem a glória eterna ou os bens temporais, e O temem para não receberem a pena infernal ou os trabalhos temporais. E Deus é digno de ser amado porque é bom, infinito, eterno, poderoso, sábio, amante, justo, verdadeiro, completo infinita e eternamente de todos os bens.

6. Aqueles homens que amam a Deus para receberem o bem e O temem para que Ele não lhes faça mal, fazem da primeira intenção a segunda e da segunda a primeira. Por isso, filho, sua intenção está invertida e falsa e contra a intenção que Deus criou. Logo, qual justiça julgará que tal intenção tão malvada tenha glória sem fim na intenção de Deus?

7. Não existe um homem que tenha feito tanto mal quanto Maomé, que tantos homens colocou no erro. Contudo, segue-se um bem maior quando o homem tem a primeira intenção em Deus, que não é todo o mal que fez Maomé, pois maior bem está em um só homem que fortemente ama a Deus pela primeira intenção que o mal em todos os homens que estão danados.³ Logo, abre filho os olhos de teu pensamento e entende quão grande coisa é o bem que existe pela primeira intenção contra o mal que existe pela segunda.

² Isto é, tudo que tem princípio tem fim, não é infinito.

³ Seguimos aqui a versão latina do texto, cujo significado é mais claro.

8. Filho, não te maravilhes se o mundo está em tribulação e em perigo, pois Deus é tão pouco amado e conhecido por falta da verdadeira intenção. Logo, te aconselho e te ordeno, acima de todas as coisas, que te apoderes o tanto quanto podes de tua intenção, e com ela ames e conheças a Deus tendo a Ele a primeira intenção e a segunda a ti e a teu próximo.

9. Amável filho, não poderia te dizer nem escrever os bens que recebe de Deus aquele que O ama e O conhece pela primeira intenção, pois os doentes cura, os pobres enriquece, os cegos ilumina e dá consolação aos atribulados, esperança a seus servidores, lágrimas aos pecadores, honramentos aos menosprezados e restituição aos injuriados.

10. Filho, o hortelão dá água às árvores por razão dos frutos, o cavaleiro dá cevada ao seu cavalo por razão do serviço que lhe faz e o mestre paga sua dívida ao seu aprendiz pelo trabalho.⁴ Logo, filho, se tu deres glória a Deus, que é tão abundante de justiça, de poder, de sabedoria e de caridade, terás a primeira intenção, e bem podes saber que a tua segunda intenção terá seu cumprimento pela primeira.

11. Filho, saibas que é coisa muito má e repreensível amar os dinheiros e as iguarias, os filhos e as possessões, os honramentos e as outras coisas pela primeira intenção e a Deus pela segunda. Não amar a Deus pela primeira intenção nem pela segunda é coisa muito repreensível. Logo, como isso é uma falta muito grande e por onde se seguem tantos males, é coisa muito necessária pedir e mostrar às gentes que de forma ignorante pensam amar e conhecer a Deus com a primeira intenção mas O amam com a segunda.

III. A Criação

1. Deus criou o mundo com a intenção de ser amado e conhecido pela criatura, pois pela grande razão que tem em Si por amar e conhecer, foi conveniente a Deus criar o mundo de tal maneira que Sua justiça satisfizesse a alta honra que convém à bondade e à grandeza de Deus, a qual tem em eternidade, poder, sabedoria, vontade e em todas as Suas virtudes.

2. Amável filho, a Deus não foi coisa necessária criar o mundo por nada que fosse útil a Ele na criação do mundo; mas assim como convém ao rei largo de coração e abundante de riquezas dar por sua bondade e por seu poder, convém a Deus, por cumprimento de Sua infinita largueza e perfeição de todas as virtudes, criar o mundo e fazer muita bondade.

3. A intenção que Deus teve em criar o mundo e Sua justiça convieram com Sua sabedoria e Sua vontade no momento da criação. Por isso, não é conveniente que o mundo tenha sido criado antes nem depois, nem maior nem menor e nem de outro modo, pois se nenhum outro modo fosse conveniente para criar o mundo, existiria paixão e falta na intenção de Deus.

4. Amável filho, a intenção de Deus não mudou de forma alguma quando criou o mundo, pois a intenção que criou o mundo é Deus, infinito e eterno em toda perfeição. Por isso, é impossível existir em Deus alguma mudança quando Ele cria ou faz algo.

5. Se em Deus não existisse a intenção de engendrar Deus e produzir Deus, existiria Nele a intenção mais nobre agora que o mundo existe que antes de o mundo existir, pois a intenção inútil não convém com a bondade e a perfeição contra a ociosidade da intenção na utilidade da caridade, da sabedoria e da grandeza.

6. Filho, Deus criou umas criaturas no mundo com a intenção de outras, como os corpos celestiais que foram criados para influenciar os corpos terrenos elementais e os terrenos que foram criados para a intenção da alma racional, e o mesmo de todas as coisas que foram criadas para servir ao homem.

⁴ Traduzimos novamente do texto latino.

7. Chora, filho, pois os elementos, as plantas, as aves, as bestas e todas as coisas deste mundo seguem a ordem e a regra da intenção para a qual foram criadas, e o homem, a quem todas estas coisas estão subordinadas em intenção, existe contra a intenção para a qual foi criado, cometendo pecados que são contrários à intenção de Deus.

IV. A Encarnação

1. Amável filho, o Filho de Deus encarnou-Se no ventre de Nossa Senhora Santa Maria com a intenção de demonstrar aos anjos e ao homem Sua imensa bondade, poder, caridade, humildade e largueza.

2. O maior bem que pode ser criado é o bem criado de Deus, ajustado⁵ na unidade de Sua Pessoa. Por isso, filho, a bondade de Deus concorda com a maior intenção possível para criar a criatura, ajustando Si mesmo à criatura com a intenção de ser amado e conhecido⁶ tão fortemente como aquela criatura a virtude de amar e conhecer a Deus.

3. O poder divino não pode exaltar mais o poder criado que aquele que ajustou a Si mesmo. E como o poder de Deus tem tão grande intenção, a caridade com a justiça, a grandeza e a bondade concordam com o poder de tal maneira que este usa sua grande intenção na criatura tanto quanto ela poder suportá-lo.

4. Filho, se a infinita virtude e perfeição fossem contrárias à intenção que Deus teve quando encarnou, a intenção seria menor que o poder que Deus tem em infinita virtude e perfeição, e existiriam em Deus umas virtudes contra outras em intenção, e isso, filho, é impossível.

5. Para que na glória Deus pudesse dar a Si mesmo para glorificar o homem, Ele teve a intenção de encarnar para o homem, de maneira que o homem, através do corpo glorioso de Nosso Senhor Deus, pudesse ter a maior glória, maioridade que não poderia ter sem a encarnação e o ajustamento humano de Deus com o homem.

6. Filho, Nosso Senhor Deus encarnou-Se para recriar o homem, que estava perdido e caído em Sua ira pelo pecado do primeiro pai. A intenção que Deus teve ao encarnar para recriar o homem não convém que seja a primeira intenção, e aquela intenção que Ele teve ao encarnar para demonstrar Suas virtudes a segunda, pois Sua justiça tem a intenção mais apropriada para demonstrar a grandeza de Sua bondade, Seu poder e Sua sabedoria do que para recriação.

7. Filho, convém que a grande caridade de Deus seja a ocasião para o homem ter a maior intenção e salvar o livre-arbítrio do homem. Por isso, Deus deseja que o Seu poder dê o maior poder ao homem para amar e entender a encarnação, que é a maior e a melhor obra que Deus pode ter na criatura, e a criatura receber.

V. Da Tentação

1. Amável filho, neste capítulo sobre a tentação que representa os trinta dinheiros pelos quais Nosso Senhor Jesus Cristo foi vendido, desejo exemplificar a intenção através dos trinta temas seguintes, de tal maneira que por esses caminhos tenhas o conhecimento sobre qual maneira a intenção e a tentação são diversas, concordantes e contrárias. E tu, filho, tenhas bem em tua memória e em teu entendimento este capítulo, porque te será muito útil para conservares as virtudes e contrastares os vícios, observando a intenção pela qual foste criado.

⁵ Em catalão, *ajustat*, em latim *coniunctum*.

⁶ No texto catalão, os verbos *amar* y *conèixer* têm como seu objeto a criatura, isto é, Deus encarna para amar e conhecer a criatura. Contudo, o sentido do argumento Iuliano parece ser outro: que, através da Encarnação, a criatura – como sujeito amante e cognoscente, não como objeto do amor e do conhecimento divinos –, ame e conheça a Deus conforme suas capacidades. Esta leitura também é sugerida pelo texto latino.

V.1. Da Fé

1. Filho, a fé existe com a intenção de o homem crer na verdade que o entendimento não pode entender, e esta fé é a guardiã da esperança, da caridade, da justiça, da prudência, da fortaleza e da temperança. Por isso, a tentação diabólica existe com os sete pecados mortais que tentam a fé contra a intenção pela qual existe. E como o demônio deseja destruir as virtudes e a fé, tenta o homem desta maneira que ouvirás, e ainda de muitas outras maneiras semelhantes a essas.

2. Filho, se tu crês e cogitas que Deus Pai engendra de Si mesmo Deus Filho, e do Pai e do Filho procede, Deus Espírito Santo, e o Pai e o Filho e o Espírito Santo são um Deus e não três deuses, e mesmo assim és tentado a não crer na existência da verdade nos artigos ditos acima, então debes recorrer à fortaleza, à caridade e à justiça para que te ajudem a conservar a fé e a intenção pela qual te foi concedida a fé. A fortaleza deve fortalecer-te com a caridade, que é ajudante da fé amando a intenção pela qual a fé existe; e a justiça te dirá para não desejares fazer injúria à fé porque não entendes, e irá te demonstrar como o que tu não tiveres direcionado o entendimento todos os tempos para entender o que desejas. Por isso, convém que creias naquilo que não podes entender até que possas entender.

3. Filho, se tu entendes que Deus Pai, pelo poder infinito e eterno, pode de Si mesmo, que é infinito em essência e eterno em duração, engendrar Deus Filho infinito e eterno, e mesmo assim tens tentação e duvidas que exista a verdade, considerando que Deus não faz tudo que pode Seu poder, recorre à esperança, à justiça e à caridade, pois através da esperança e da justiça debes crer que Deus pode fazer em Si mesmo uma obra eterna e infinita que seja Deus e de Deus engendrada, de tal maneira que Deus não seja ocioso em Si mesmo; pois a justiça te demonstra que dado que Deus tem poder de fazer, isto é, de produzir Deus em Si mesmo e de Si mesmo, e essa obra é a melhor e a mais nobre que pode existir, portanto, convém que a vontade de Deus deseje o que pode Seu poder, e o poder faça e não esteja ocioso, conforme o que a divina justiça julga na divina vontade.

4. Amável filho, se tu desejas entender o que crês, supõe ser possível coisa existir verdadeiramente aquela coisa que desejas entender, pois isso que supões existe pela fé, e a fé ajuda a exaltar o entendimento ao ato de entender. E se tu não supões isso, fazes injúria à intenção pela qual a fé existe, e obedeces à tentação diabólica.

5. Filho, se a coisa que entendes não é contra a fé, saibas que tens tido a primeira intenção no que entendes, e tens tido a segunda à fé quando tu supunhas que poderias entender o que crias. E se isso que pensas entender é contra a fé que tinhas antes, saibas, filho, que não entendes aquilo que pensas entender nos artigos ditos acima, pois se entendesses seria verdade, e se fosse verdade a fé que tens seria falsa. Por isso, filho, aconselho-te que com caridade, prudência e fortaleza te ajudes contra tais tentações, e não sejas contra a fé em nada daquilo que entendes. E se entendes isso que verdadeiramente crês, convém que exista aí concordância da primeira intenção com a segunda.

V.2. Da Esperança

1. Filho, a esperança existe pela intenção que o homem espera eliminar: da justiça, da misericórdia e da piedade de Deus, e esta intenção relaciona-se com as outras virtudes. Logo, se tu, filho, és pecador e te desesperas por teres feito muitos pecados, estás tentado, vencido e atentas contra a fortaleza, a caridade e a justiça, pois com a fortaleza debes ser forte no teu coração todo o tempo até que a caridade te faça amar a misericórdia de Deus e temer Sua justiça para que a justiça te faça confessar teu pecado e a prudência lembre a grande misericórdia de Deus.

2. Filho, se tu tens grande temor da morte, de seres vencido por teus inimigos, de perderes tuas riquezas, honramentos ou alguma coisa que amas muito, e desejas certificar-te das coisas que temes para não teres infelicidade, então, filho, estás tentado contra a intenção pela qual a esperança existe, pois a esperança te foi dada para que a uses e confies na ajuda de Deus. É melhor estares temeroso e teres esperança que estares seguro sem esperança. Como isso é assim, filho, a justiça, a fortaleza e a prudência te ensinam ter a

primeira intenção com esperança, e a segunda com a infelicidade que suportas na esperança. E se tu, filho, crês em minhas palavras, amarás a intenção pela qual a esperança existe, e usarás na esperança às outras virtudes, pelo qual serás agradável às gentes e a Deus.

V.3. Da Caridade

1. Filho, a caridade existe com intenção do homem amar a Deus, a si mesmo e a seu próximo. Esta virtude se ajuda consigo mesma e com a intenção pela qual existem as outras virtudes. E se tu, filho, estás tentado contra a caridade, ajuda-te com a intenção pela qual a caridade existe, e ajuda a conservar a tua intenção com as outras virtudes, pois conservando em teu coração a intenção pela qual existe a caridade, vencerás a tentação, e nessa vitória vencerás os pecados e exaltarás as virtudes.

2. Filho, se tu amas teu senhor terreno nas coisas terrenas pela primeira intenção e a ti mesmo pela segunda, tens caridade que concorda em teu coração com justiça, fortaleza, prudência, temperança, fé e esperança. Pois justa coisa é amar nos bens temporais mais o teu rei ou teu príncipe que a ti mesmo, já que o príncipe existe em mais nobre intenção que o vassalo, pois pode tornar mais úteis os bens temporais e esquivar melhor do mal que o vassalo.

3. A fortaleza existe em tal amor [isto é, na caridade] pois [a caridade] gera a disposição de mais amar as delícias deste mundo no outro do que em ti mesmo; a prudência existe aí porque com ela se ganha um grande mérito. Filho, a temperança existe na caridade dita acima porque aí existe a continência e a abstinência, e nem a fé aí perde o seu direito porque a caridade crê na justiça de Deus, e o mesmo se segue com a esperança. Assim, filho, quando estás tentado de apropriar-te dos bens de teu senhor, ou tens preguiça de defender-te de teus inimigos, recorre à caridade e às outras virtudes e salva a intenção pela qual a caridade existe, conforme exemplifiquei acima.

4. Filho, se tu em relação aos bens celestiais amas mais a ti mesmo que a teu senhor [terreno], usas da caridade contigo pela primeira intenção e com o teu senhor pela segunda, e nesse uso tens justiça, prudência e esperança: justiça tens, pois tens o senhor [terreno] pela intenção de ter Deus em glória sem fim; prudência tens, filho, porque usas a intenção pela qual existes e pela qual existe teu senhor terreno, pois isso é prudência que conserva a razão final pela qual a coisa existe contra a tentação; e a esperança tens, filho, porque esperarás a glória tratando das virtudes do coração mais que das virtudes de teu senhor ou de teu próximo.

5. Filho, saibas que a ti foi dada a companhia e a amizade do próximo com a intenção que atues nele com caridade, conforme a intenção pela qual te foi dada a caridade. E se tu amas teu próximo pela segunda intenção e a ti mesmo pela primeira, tens amor, justiça, esperança e prudência: justiça tens porque usando da caridade te é dada companhia; esperança tens porque usando da caridade esperas recompensa; e prudência porque sabes ganhar o mérito da glória e crês na glória que te foi dada merecidamente.

6. Filho, se tu amas a Deus em teu próximo pela primeira intenção e teu próximo pela segunda, e estás tentado a fazer o contrário, recorre à justiça, à esperança, à prudência e à fortaleza, e julga em teu coração as outras virtudes e a intenção pela qual a caridade existe, e compara Deus à maioridade de nobreza, de poder, de bondade, de sabedoria e de amor, e compara teu próximo à menoridade, ao princípio e à mortalidade, e aos outros defeitos que existem no homem. E se tu, filho, tens tal arte e maneira contra a tentação, rapidamente podes estar na amizade de Deus.

V.4. Da Justiça

1. Filho, a justiça existe pela intenção de fazer igualdade entre o maior e o maior, o maior e o menor e o menor e o menor contra a desigualdade nas coisas onde se convêm a concordância. Filho, amarás e terás essa justiça em ti mesmo se conheces e amas aquilo pelo que existes, contrastando-a à tentação que é conveniente com a injúria.

2. Filho, se tu és pecador e sabes que és pecador, e amas o pecado, estás tentado no que entendes e amas, e desejas e amas o pecado pela primeira intenção e a injúria pela segunda. Por isso, privas tua justiça com teus irmãos, isto é, a esperança, a caridade, a prudência, a fortaleza e a temperança. Em ti não existe justiça, porque tu tens colocado a injúria em teu entendimento e em tua vontade; não tens caridade, porque amas o pecado; pensas ter esperança quando amas o pecado e pensas sair do pecado. Por isso, tens o contrário da prudência, isto é, a ignorância e a loucura, porque não sabes quanto tempo viverás, nem estás certo se Deus desejará te perdoar, pois tu desamas Deus no amor que tens pelo pecado. E como pensas ter esperança injuriosamente, a justiça de Deus não deseja que em ti, amante do pecado, exista a esperança nem as outras virtudes.

3. Filho, a intenção e a justiça concordam contra a injúria e a tentação, pois a injúria é contra a justiça e contra a intenção com a tentação feita na segunda intenção, para que possa destruir a primeira de tal maneira que a intenção seja invertida e contra aquilo pelo qual é dada aos homens. E se tu, filho, desejas entender isso, então entende: quando tu, filho, amas através da segunda intenção os trabalhos que suportas pela justiça, amando pela primeira intenção a justiça, a injúria tenta a fortaleza na caridade de tal maneira que a caridade seja vencida na fuga dos trabalhos. E se a caridade é vencida pela privação da fortaleza, a justiça perde suas raízes e suas forças na prudência e na temperança, que com a caridade e a fortaleza são regidas. Por isso, priva a segunda intenção na paciência. E como a primeira intenção não pode permanecer na justiça sem a segunda, morre a justiça na privação da primeira intenção, e nasce a injúria, e a primeira intenção está invertida na tua vontade, que ama mais o repouso e a bonança que suportar trabalhos pela justiça. Assim, se tu filho, amas a justiça, guarda-te da injúria e da tentação que começam pela segunda intenção para destruir a justiça.

V.5. Da Prudência

1. Filho, a prudência existe pela intenção que os homens saibam ter virtudes e se esquivar dos vícios no amor e no conhecimento de Deus e em amar cada homem, a si mesmo e a seu próximo. Esta prudência é tentada muitas vezes nos homens pelos pecados mortais e veniais, e tal tentação se faz sobre a intenção pela qual a prudência existe. Porque desviada a prudência da intenção pela qual foi dada ao homem, esse desvio ocasiona no homem a existência do contrário da prudência, o qual é a ignorância e a loucura.

2. Amável filho, a prudência e a sabedoria são quase a mesma coisa. Logo, se tu estás tentado pela ignorância, recurras ao entendimento e com isso inquiras na memória as coisas que o entendimento aí estoca e conserva, as quais são relembáveis com a justa vontade adequada pela fortaleza do coração contra a acídia, que convém com a ignorância. E quando tu, filho, tiveres entendido a coisa lembrada na memória, deverás dá-la à vontade com a justiça de tal maneira que a vontade e a justiça sigam a intenção pela qual a prudência existe no homem.

3. Filho, a prudência é uma virtude que requer uma vontade iluminada pelo entendimento e julgada pela justiça para que a esperança, a caridade, a fortaleza e a temperança conservem a prudência em sua intenção, a qual é eleger o maior bem e se esquivar do maior mal antes que o menor, obter o bem do mal e ter a arte e a maneira de conduzir os acidentes conforme o que se convém e os feitos no tempo, no lugar, no falar, no calar, no cogitar, no obrar e nas outras maneiras semelhantes a essas.

V.6. Da Fortaleza

1. Filho, a fortaleza existe pela intenção que a vontade esteja temperada no coração humano e moderada pela justiça, caridade, prudência e esperança de tal maneira que o homem seja forte no coração contra a vilania, a maldade e o engano. Esses tentam a fortaleza de tal maneira que exista na vontade humana a desesperança, a injúria, a ignorância e a inimizade, por onde podem entrar o orgulho, a covardia, a falsidade, a ira, a avareza e a inveja.

2. Filho, saibas que com a fortaleza as virtudes estão fortes contra os vícios, e pela ausência da fortaleza os vícios estão fortes contra as virtudes. Por isso, a tentação tenta o homem contra a fortaleza com ameaças, com ira, com pobreza, com má vontade, com riqueza, com beleza de pessoa, com delicadezas mundanas, e ainda, com honramentos e outras coisas semelhantes a essas.

3. Amável filho, a tentação da qual te falo acontece na liberdade da vontade com o pecado venial na segunda intenção, quando estás desonrado ou ameaçado por algum homem, ou quando tens falta ou descontentamento com alguma coisa. Pois se tu amas ser menosprezado para teres paciência e humildade, e se desejas alterar tua vontade para amares o honramento amando a desonra naqueles homens que te menosprezam, então a fortaleza se enfraquece na justiça, na caridade e na prudência, que com a paciência e a humildade estão submetidas⁷ à fortaleza contra a debilidade do coração.

4. Amável filho, se desejas te submeter à fortaleza, serás livre contra os vícios e não falarás até que entendas a intenção pela qual desejas falar, nem irás a nenhum lugar até que a justiça com a caridade te dêem licença de ires ou obrares onde a justiça e a caridade desejem estar e salvar a fortaleza no seu direito e em sua honra. E se tu, filho, tens fortaleza, vencerás a ti mesmo e a teus inimigos e menosprezarás enganos, orgulhos, vilezas e faltas.

5. Filho, quando tu fores tentado e te sentires mudar para outro estado contra o estado no qual estavas ordinariamente antes que a tentação te tentasse, esse será o tempo da fortaleza com a qual deverás colocar à prova a prudência, a justiça, a caridade e a temperança, para que te ajudem contra a tentação com a esperança, na qual [a fortaleza] te governa com a abstinência, privando a tentação, mudando tua consideração em boas cogitações que vencerão as tentações diabólicas.

V.7. Da Temperança

1. Filho, a temperança existe pela intenção que estejas com a justiça no meio de dois extremos que concordam com a injúria, que é um vício. Esta temperança, filho, conserva tua intenção contra a tentação com a caridade, a prudência, a justiça e a fortaleza. Pois a caridade coloca a justiça na vontade para que esta queira colocar a vontade no meio de ambas as extremidades, no qual meio está a vontade unida com a fortaleza e a prudência, com a liberdade sendo amada e julgada pelo mérito nascido da liberdade com a virtude da vontade, onde a justiça, a caridade, a fortaleza, a prudência ajudam a temperança contra a tentação, que concorda com ambas as extremidades onde está contra a temperança.

2. Amável filho, o homem pode ter temperança em comer, em falar, em vestir, em andar, em cogitar, em querer, em entender e nas outras coisas semelhantes a essas. E como cada uma das coisas ditas acima pode ser usada em pequena ou grande quantidade, é dada a temperança ao homem.

3. Filho, se tu estás tentado contra a temperança, convém que te ajudes com as outras virtudes que mantêm a temperança, pois a esperança lhe ajuda para cogitares a recompensa, e a justiça lhe ajuda a suportares a paixão para conservares a sanidade, e a caridade faz-nos amar mais a temperança do que os prazeres pelos quais a temperança é privada, e a prudência demonstra quão perigosa coisa é não ter temperança, e a fortaleza fortalece a vontade com a abstinência e paciência.

4. Amável filho, às vezes a tentação começa a tentar o homem na extremidade menor, às vezes na maior. E sabes por quê? Porque se por uma extremidade não podes expulsar a temperança do lugar do meio, a expulsa pela outra extremidade. Por isso, filho, te aconselho que contrastes a tentação com a fortaleza e a abstinência até que venha a justiça, a prudência e a caridade. Pois a justiça te mostrará na prudência que mais vale a temperança no meio de duas extremidades, isto é, superfluidade de muito ou pouco, que não a destemperança nas duas extremidades. E a caridade te fará amar o que é melhor, sem que antes tenhas destemperança ao desejares esperar em tua memória, vontade e entendimento.

⁷ Traduzimos aqui com o texto latino *stant subditae*, ao invés do catalão *tan sotsmès*.

Filho, com essas virtudes te são exemplificadas a obra da temperança e das virtudes, e a intenção graças à qual o homem possa defender-se das tentações feitas pelos vícios e pelos espíritos malignos: agora desejo te dizer dos sete pecados mortais.

V.8. Da Gluttonia

1. Gluttonia é o vício pela superfluidade de comer e beber, o qual está na vontade desordenada pela ausência de temperança desamada pelo desejo. Este vício, filho, não foi criado com nenhuma intenção, mas é coisa que acidentalmente destrói a intenção pela qual foi criada a temperança.

2. Amável filho, todos os acidentes virtuosos são criaturas, pois assim convém, já que Deus é o criador de todos os bens. Mas os viciados não são criaturas, pelo contrário, são inclinações pelas quais as criaturas tornam-se não-coisa, não estando neles a intenção pela qual são. Por isso, filho, assim como o demônio tenta o homem para destruir a temperança, o anjo benigno o tenta para ter temperança, para que a gluttonia não o incline à doença por dilatação do ventre por muito comer e beber, de onde lhe vem a morte.

3. Filho, existe a necessidade de comer e beber para sustentar a vida, mas a gluttonia existe pelo excesso de comer e beber. Assim, filho, quando tu comes e bebes adequadamente de acordo com a justiça, e desejas comer e beber mais do que convém, o anjo encarregado de ti por Deus, te aconselha com a justiça, a prudência, a fortaleza e a continência, para que tenhas abstinência e temperança e não te inclines pela gluttonia à culpa e ao pecado.

4. Filho, o homem glutão tem a segunda intenção com o intuito de juntar riquezas para que possa comer. Por isso, ele tem a primeira intenção em comer, e essa o leva a comer e beber demais, e faz crescer a segunda intenção tão fortemente em juntar riquezas, que o faz cometer roubos, enganos e faltas. E como a primeira intenção é mais forte que a segunda, os homens empobrecem e gastam seus bens comendo demais, sendo preguiçosos, dorminhocos e doentes contra a diligência de juntar e conservar riquezas.

5. Filho, se tu desejas destruir em ti a gula, ama a gluttonia pela segunda intenção e a temperança pela primeira, pois a justiça, que é maior em fortaleza pela primeira intenção do que pela segunda, te fará odiar a gluttonia e estar na primeira intenção, e a prudência te fará amar a liberdade que tens de ser guloso para que possas mais usar de temperança na caridade, justiça e fortaleza.

6. Filho, saibas que não existe nenhum pecado que o homem seja tão ignorante e não pense fazê-lo como o pecado da gula, nem por nenhum pecado o homem peca tão freqüentemente como pela gluttonia, nem por nenhum pecado vem tão freqüentemente a morte, a doença, a pobreza e a fraqueza dos sentidos como o da gula. Por isso, te aconselho que te seja muito temerosa coisa o pecado da gula.

V.9. Da Luxúria

1. Filho, a luxúria é um pecado concebido na vontade, onde a injúria se esforça para destruir a intenção pela qual a castidade existe. E a luxúria é a ocasião para a castidade ser exaltada através da fortaleza da vontade odiando a luxúria, onde a vontade é tentada contra a prudência, a caridade e a virgindade.

2. Filho, se tu estás tentado pela luxúria, tenhas a castidade na primeira intenção e a tentação na segunda, pois através da tentação podes ter fortaleza, justiça, caridade e prudência, amando a castidade. Contudo se a tentação da luxúria multiplica-se em teu coração tão fortemente que a fortaleza se inclina para a debilidade, expulsa, filho, a tentação da luxúria da segunda intenção com a ignorância, isto é, ignorando e esquecendo a luxúria e todas as suas circunstâncias, lembrando com a fortaleza outras coisas que convêm à castidade.

3. Amável filho, gula, orgulho, inveja e injúria concordam com a luxúria. Por isso, quando estiveres tentado pela luxúria, lembra incontinenti a temperança contra a gula, a humildade contra o orgulho, a

lealdade e a continência contra a inveja e a justiça contra a injúria, e nessa lembrança coloca prudência e caridade.

4. Amável filho, belas vestimentas e beleza de feições são coisas com as quais a luxúria tenta os amigos da castidade. A lembrança da morte, a sujeira que se faz na obra da luxúria e o entendimento da limpeza, da beleza da castidade pura e a virgindade no pensamento humano são coisas com as quais a castidade é tentada a existir na primeira intenção.

5. Amável filho, para destruir a luxúria é conveniente que a castidade exista pela primeira intenção, e a caridade, a justiça, a prudência, a fortaleza e a temperança existam pela segunda intenção, para que sirvam à primeira e que a luxúria não possa se enraizar nem na primeira nem na segunda intenção.

6. Filho, saibas que a segunda intenção às vezes é dupla, isto é, aquela liberdade que tens para ter luxúria é amável pela segunda intenção, porque melhor podes amar a outra que existe na segunda, isto é, aquela onde a caridade, a justiça, a prudência e a fortaleza servem à castidade quando existe na primeira intenção. Assim, por amor a isso, te aconselho, filho que em tua alma multipliques mais fortemente a segunda intenção que tens à castidade que a segunda intenção que tens à luxúria, e conforme a esta multiplicação ocorra, a modo de comparação, que a segunda intenção, que está abaixo da primeira, se converta na primeira, onde está a castidade.

7. Amável filho, com oração, contrição, aflição e com a fuga da oportunidade da fornicção, podes destruir a luxúria em teu coração quando tens tentação. E se todas essas coisas ditas acima não te forem o suficiente, multiplica a tua quantidade em caridade, fortaleza, justiça e prudência na liberdade que nasce em tua bondade e possibilidade.

8. Filho, contra a tentação da luxúria convém que faças diversas comparações, isto é, que ames a prudência ao comparar qual coisa o homem deve eleger e amar: vícios ou virtudes, a presença ou ausência de Deus, a sanidade ou a maldade, e assim das outras coisas semelhantes a essas, e que a caridade, a justiça e a fortaleza concordem com a prudência que existe pela intenção de que as coisas boas existam na caridade, e as más existam em seu contrário.

V.10. Da Avareza

1. Filho, a avareza é intenção contrária à intenção da largueza porque a largueza concorda com a esperança, a caridade, a justiça e a fortaleza, contra a avareza, a soberba, a acídia, a inveja e a ira. Assim, se tu, filho, estás tentado pela avareza, saibas manter em tua largueza ordenamento na primeira e na segunda intenções, com a esperança, a caridade, a justiça, a prudência e a fortaleza, contra a avareza, a soberba, a acídia, a inveja e a ira.

2. Amável filho, o homem avaro simplesmente é mais avaro que outro homem porque ama a riqueza pela primeira intenção e ama pela segunda as coisas com as quais junta a riqueza e com as quais a conserva. Assim, tal homem avaro é tentado e vencido na inversão das duas intenções, pois a riqueza deve ser amada pela segunda intenção e os motivos pelos quais a riqueza é amável são os bens que a justiça deseja multiplicar através da largueza, da caridade e da esperança.

3. Filho, alguns homens são avaros pela intenção da gula, pois amam comer muito; alguns são avaros pela fama, pois desejam ser louvados pelas gentes em nome da riqueza; outros são avaros para enriquecer seus infantes, e o mesmo das outras coisas semelhantes a essas. Assim, tais homens são tentados contra a esperança, a justiça e a caridade, que convêm com a largueza, e amam a avareza pela segunda intenção e amam as coisas ditas acima pela primeira. Assim, se tu, filho, desejás vencer a avareza, tenhas prudência para saberes mudar e expulsar as duas intenções, amando as iguarias, os honramentos e os filhos pela segunda intenção e Deus pela primeira.

4. Amável filho, te aconselho muito fortemente a não teres avareza, pois é um vício que dá grande paixão aos seus submetidos. Pois através da intenção injuriosa, a vontade não se satisfaz juntando riquezas, e isso oferece muitos perigos e trabalhos, e o mesmo acontece quando se conservam as riquezas. Por isso, todos os dias o homem avaro está suspeito e temeroso contra a lealdade e a esperança, e a acídia lhe faz desejar mal, a inveja o atormenta com a ira com aquilo que sua vontade não pode cumprir ganhando ou perdendo, e a avareza não dá remédio nem solução à consciência para nenhuma falta ou coisa torta.

5. Ah, filho, quantos são os homens que são avaros e pensam não ser! E tantos são aqueles que por avareza morrem antes daqueles que deveriam morrer! Filho, sabes por que o homem avaro não conhece a avareza em si? Porque não conhece o desordenamento da primeira e segunda intenção existente em sua vontade. E sabes por que a avareza faz com que o homem morra antes do tempo? Porque Deus deseja que aqueles bens que o homem avaro embarga dos pobres sirvam a eles e sejam úteis para os outros homens, pois Deus não fez os bens temporais para ficarem ociosos sob a posse dos homens avaros que embargam sua utilidade.

V.11. Da Soberba

1. Filho, a soberba é uma obra possível da vontade contra a humildade. E como a humildade existe pela intenção que o homem tenha conhecimento que no ato da Criação foi concebido do nada⁸, e que por isso se humilha a Deus, que é eterno, infinito e completo de todos os bens, por isso, filho, a soberba acontece no homem acidentalmente para contrastar com a humildade, e o homem deve, com a caridade, a justiça, a prudência e a fortaleza lutar para fortificar a humildade contra a soberba de tal maneira que tenha conhecimento que veio do nada e que é obrigado a amar e conhecer o soberano bem.

2. Se tu, filho, estás tentado pela soberba da riqueza, de amigos, da força, da beleza, da ciência, da coragem ou alguma outra coisa semelhante a essas, recorre sempre à prudência e à fortaleza para que te conduzam à justiça, a qual ordena em ti as duas intenções, dando à segunda intenção as riquezas, os honramentos, os amigos, a força, a beleza, a ciência e a coragem, e dando a primeira intenção a Deus, que te criou do nada e por ti morreu Se humilhando e Se unindo à natureza humana.

3. Amável filho, o homem soberbo é tentado pela humildade no menosprezo que tem das gentes. Pois se o homem tem orgulho, não convém que tenha honramento. E como ele deseja estar honrado acima de todos os homens e no entanto está desonrado por todos pois cada um o menospreza no seu coração, a desonra deveria humilhá-lo pela justiça, e tal humilhação seria uma honra se ele fosse julgado a ser menosprezado pelas gentes, existindo a segunda intenção para o menosprezo e a primeira para a humildade.

4. Filho, convém necessariamente que, se a humildade existe pela primeira intenção e o honramento pela segunda,⁹ o homem orgulhoso tem orgulho na segunda intenção e honramento na primeira. Logo, ambas as intenções do homem humilde são contrárias às duas intenções do homem orgulhoso. E sabes por quê? Porque as duas intenções fazem isso no homem humilde já que existem na caridade, na justiça, na prudência e na fortaleza. Por isso, o humilde tem tudo isso como honramento, e as duas intenções do homem orgulhoso o desonram, porque com a injúria e com o contrário da caridade, da prudência e da fortaleza, convém a desonra.

⁸ No original “não-coisa”, conceito filosófico.

⁹ Seguimos aqui o texto latino: o texto catalão inverte a ordem de atribuição, referindo a primeira intenção ao honramento, e a segunda, à humildade. Contudo, pela frase que qualifica as duas intenções como contrárias, está claro que o texto catalão foi corrompido.

V.12. Da Acídia

1. Filho, a acídia é um pecado confuso contrário à intenção comum, pela qual existe a esperança, a caridade, a justiça, a prudência e a fortaleza. Por isso, filho, os homens não têm tão pouca consciência e conhecimento de nenhum pecado quanto o pecado da acídia.

2. Acídia é amar o mal e desamar o bem em toda a virtude. Por isso, o demônio tenta os homens pela acídia de tal maneira que com ela possa induzi-los à gula, à luxúria ou a algum outro pecado. Por isso, filho, toda hora que fores tentado pela acídia, recorre à intenção pela qual existem em ti a esperança, a caridade e as outras virtudes, e observa em qual virtude o demônio te tenta mais fortemente com a acídia e fortalece-a com as outras virtudes, dando aquela virtude na qual estás tentado à primeira intenção e as outras virtudes com as quais desejas fortificá-la à segunda intenção. E se tu, filho, sabes e desejas ter a maneira e a arte acima ditas, poderás mortificar a tentação e ter as virtudes contrárias a ela.

3. Amável filho, nenhum pecado é tão significativo para a salvação e a danação quanto a acídia. Isso é assim porque ela afeta mais a comunidade que qualquer outro pecado, e, por isso, a salvação está mais bem significada nos homens amantes do bem comum que nos amantes do bem especial, já que o bem é maior e mais útil na comunidade que na especificidade. Por isso, filho, tenhas o bem comum na primeira intenção e o bem especial na segunda.

4. Amável filho, sabes por que existe a tentação diabólica no homem com acídia, que convêm com a preguiça e a negligência? Para que os homens diligentes, justos e amantes do bem sejam menosprezados e desamados em suas obras. Filho, e sabes por que existe a tentação do anjo benigno no homem com acídia? Porque toda hora que a acídia começa a vir, o homem se desperta para cogitar bons pensamentos e se prepara para ser amante do bem. Por isso, filho, a má tentação é uma excitação de boa obra no homem amante do bem para que ele não esteja ocioso e cogite e obre o bem de seu poder.

V.13. Da Inveja

1. Filho, a inveja é serva da gluttonia, da luxúria, da soberba, da avareza, da acídia e da ira contra a esperança, a caridade, a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. E se tu, filho, estás tentado pela inveja, recorre sempre à prudência de tal maneira que ela te certifique por qual pecado a inveja te tenta mais fortemente e te diga qual virtude é mais contrária à tentação da inveja.

2. Amável filho, se a inveja te tenta com a gula, recorre à temperança dada pela primeira intenção e dá à segunda intenção aquela iguaria que a inveja te faz desejar. Assim, a justiça fortalecerá teu coração com a prudência, que te trará a utilidade da caridade contra a gula. E podes ter esta mesma regra, filho, contra a inveja ou em qualquer virtude ou vício, se fores tentado.

3. Filho, existem muitos homens que têm inveja ou outro vício que não deveriam ter. Mas como não têm a maneira com a qual saibam conhecê-lo e mortificá-lo, estão em pecado. E se eles, filho, soubessem usar da primeira intenção e da segunda, conforme a arte e a maneira acima ditas, poderiam e saberiam mortificar e conhecer os pecados nos quais se encontram, contrastando as tentações e fortalecendo as virtudes.

4. Filho, não tenhas inveja, pois antes de seres não tinhas nada. Assim, não invejes o que Deus dá a teu próximo, pois Deus tem que dar e o que dá pesa naqueles que recebem, e quanto mais os confia e dá, maior perigo possuem, e suas almas estão mais distantes da vida contemplativa, que é melhor que a vida ativa, pois a vida ativa existe em maior trabalho na riqueza que na pobreza.

5. Amável filho, a inveja dá tristeza e leva a alegria, e deixa o desejo insatisfeito. Através dela vem a paixão da ira contra a caridade e a justiça, as quais curam a vontade perdida pela tristeza com a fortaleza do coração, através da esperança, da lealdade, do temor, da humildade, da abstinência e da temperança.

V.14. Da Ira

1. Filho, a ira existe pela intenção que a paciência possa nascer da caridade, da justiça, da fortaleza e da temperança, para resistir à tentação que o demônio faz a estas virtudes com a ira para que os homens tenham impaciência, que é um vício contrário às virtudes. Por isso, filho, a paciência existe pela primeira intenção e a ira pela segunda, e ambas as intenções são contrárias, pois assim como a primeira e a segunda intenção concordam em diversas virtudes, isto é, quando uma virtude tem sua obra para que exista outra virtude, da mesma forma a primeira e a segunda intenção são contrárias, quando a primeira intenção desce da virtude e a outra do vício.

2. Filho, se estás tentado pela ira, recorre à fortaleza e esteja forte no teu coração tanto tempo até que venham a caridade, a justiça e a prudência, que fortalecem o teu coração contra a ira. Dessa fortificação nasce a paciência, principiada pela abstinência, e nesse momento começa a existir a fortaleza contra a ira através da vontade passiva, que é obediente para o entendimento iluminado.

3. Amável filho, a ira chega subitamente e cresce na lembrança da falta e da injúria que é feita ao homem. Por isso, o homem deve recorrer subitamente à fortaleza, à abstinência e às outras virtudes de tal maneira que a vontade possa ter a deliberação para amar a fortaleza pela segunda intenção e a paciência pela primeira, e a caridade possa amar o perdão e a piedade pela segunda intenção e o mérito em si mesmo pela primeira, pelo qual mérito a esperança alegria o coração do homem paciente com a justiça e a prudência contra a avareza, a soberba, a inveja, a acídia, a culpa e a pena.

4. Filho, se dizes que não podes ter paciência nem abstinência quando estás desgostoso ou irado, não tens nenhum poder de liberdade em tua livre vontade, a qual Nosso Senhor Deus te ordenou para que a fortaleza, a prudência e a justiça com caridade e paciência estejam contra a má vontade, a impaciência e a ira. Assim, por tal negação da liberdade, a ira e a impaciência têm poder contra a justiça, a sabedoria e a misericórdia de Deus.

5. Filho, nem a nau, o castelo e a cidade são feitos somente em um dia, pelo contrário, convém serem feitos tanto tempo quanto convém à matéria e à forma para que venham a ser cumpridas. Por isso, filho, muitas vezes a ira não morre subitamente, pelo contrário, dura longamente, pois os homens não sabem esquecê-la nem mortificá-la com as virtudes. Tal mortificação da ira fariam se subitamente, com grande fortaleza, recorressem às virtudes, que existem contra a ira, e ordenassem as duas intenções, amando pela segunda intenção o que ocasiona a ira, e amando as virtudes pela primeira intenção.

6. Filho, não desames a liberdade que tens de mudar a segunda intenção para a primeira e a primeira para a segunda, pois se pudesses se escusar disso conforme a verdade, tua vontade não teria liberdade nas virtudes e nos vícios, e seria da besta, não do homem. E como isso é impossível, ama, filho, a paciência contra a ira.

7. Amável filho, nas virtudes e vícios acima ditos exemplificamos por qual maneira a tentação e a intenção existem no homem. Agora desejamos exemplificar nas rubricas conseqüentes de maneira que saibas e tenhas tristeza com a injúria que é feita nesse mundo à intenção pela tentação dos vícios contra as virtudes, de tal maneira que tenhas, filho, lágrimas em teus olhos e suspiros e dores em teu coração.

V.15. Da Oração

1. Filho, a oração existe pela intenção que a alma tenha Deus em seu lembrar, entender e amar, pois assim como comes e bebes para sustentar a vida corporal, da mesma forma a oração existe para conservar na alma a intenção pela qual lhe foram dadas a memória, o entendimento e a vontade.

2. Amável filho, muitos homens são tentados em suas orações para amarem a Deus pela segunda intenção e a vida, as riquezas, os honramentos, os filhos e outras coisas pela primeira intenção. Por isso, filho, tal oração é muito desagradável a Deus, pois Ele é digno de ser amado pela primeira intenção acima de todas

as coisas. Assim, quando pedires algo a Deus, abre os olhos de tua alma e previne-te que não ames Deus pela segunda intenção, pois se o fizeres não és digno de ser ouvido em tua oração, na qual estás contra a esperança, a caridade e a justiça.

3. Filho, os homens devem pedir a Deus na oração com a primeira intenção para receberem as coisas espirituais, isto é, as virtudes, e devem pedir a Deus as coisas temporais pela segunda, pois a intenção pela qual existem as coisas corporais é a segunda, e a intenção pela qual existe a fé e as outras virtudes é a primeira. Mas como o demônio odeia a oração, filho, tenta os homens na primeira e na segunda intenção, aconselhando o homem a pedir a Deus as coisas terrenas pela primeira intenção.

4. Filho, a oração de boca existe pela segunda intenção e a oração de pensamento existe pela primeira. Por isso, o demônio tenta os homens para mudarem as intenções, adorando Deus por palavras e cogitando as outras coisas vãs temporais. Por essas cogitações, os homens são contrários à oração, e pensam que serão atendidos em suas preces apesar de terem em seus pensamentos muitas vãs cogitações contrárias às palavras.

5. Filho, quando quiseses fazer oração tenta a ti mesmo se estás mais preparado para pedir a Deus pela utilidade de ti ou de teu próximo, ou para pedir a Deus que te dê virtudes ou te defenda dos vícios; tenta tua vontade em qual virtude estás mais preparado para contemplanes e qual vício te é mais odioso; tenta na oração o lugar e o tempo mais conveniente, e vê se algum vício te oferece algum obstáculo. Por fim, ordena a primeira intenção às coisas mais nobres nesta tentação, e as coisas menos nobres para a segunda.

6. Amável filho, convém existir na oração, de acordo com a caridade e a justiça, o bem comum pela primeira intenção e o bem especial pela segunda. Por isso, o demônio tenta os homens a tomarem a primeira intenção para sua utilidade e a utilidade comum para a segunda intenção. Por isso, são invertidas injuriosamente as duas intenções na oração, contra a sentença favorável da justiça [de Deus]¹⁰.

7. Por temor da fé muitos homens hesitam pedir elevadamente com a luz da inteligência, e tal temor é contra a esperança, a fortaleza e as outras virtudes, pois assim como o entendimento é mais elevado para entender a Deus em Sua Unidade de Essência e Trindade de Pessoas, entendendo como o Pai engendra o Filho eterna e infinitamente, procedendo o Espírito Santo de ambos, da mesma forma na oração pode-se ter a mais alta contemplação, maior caridade e devoção, tendo maior consideração de Deus. Por isso, o demônio nos tenta com temor, para que a vontade não possa ter grande devoção nem fervor pela presença do conhecimento.

8. Filho, se estás tentado pela fadiga na oração, contrasta a tentação mudando os objetos de tuas considerações com razões novas e necessárias. E se estás tentado pela vergonha quando te encontras em longa e devota oração, a qual tens diante das gentes por pregar a Deus [tão] devota e longamente, ama a vergonha pela segunda intenção e a oração pela primeira.

V.16. Da Confissão

1. Filho, a confissão é a acusação secreta pela intenção de arrependimento e satisfação com o conselho do homem justo, oficial do santo sacramento sacerdotal, dono da indulgência e da penitência pela virtude de Deus.

2. Filho, esta confissão existe em duas intenções: uma é perfeita em caridade, esperança e as outras virtudes; a outra é imperfeita, por falta da fortaleza. Por isso, filho, a confissão perfeita é amável pela primeira intenção, e a imperfeita pela segunda.

¹⁰ No original “...contre exausiment de justicia”, isto é “contra a escuta favorável da justiça” (*Exausiment* = ato e efeito de escutar favoravelmente algo que é solicitado). Traduzimos conforme o sentido.

3. Filho, a confissão que existe pela primeira intenção é amável, quando a vontade acusa seu pecado com contrição e arrependimento ao presbítero, e o entendimento julga com justiça, lembrando a misericórdia de Deus à memória com esperança. Isso acontece de tal maneira que nem a gula, a avareza e os outros vícios não sejam agradáveis à vontade, que por todos os tempos se arrepende.

4. Filho, a confissão que é amável pela segunda intenção, é serva e preparação para a primeira, pois muitos homens, filho, estão em pecado mortal, do qual não se arrependem perfeitamente e nem desejam sair, e propõem-se algum dia sair. Assim, para que Deus lhe dê graça, confessa, acusando seu pecado e suportando em sua confissão a vergonha e a paixão.

5. Amável filho, o homem é tentado na primeira intenção pela gula, luxúria ou outro vício; e por admoestação do demônio, deseja colocar a segunda intenção na confissão e a vanglória na primeira. Mas quando a fortaleza e as outras virtudes se enlaçam e se unem contra a soberba, a vanglória e o mau exemplo, a confissão existe pela primeira intenção na perfeição das virtudes ditas acima.

6. Filho, o demônio tenta os homens na contrição e na satisfação que existem pela segunda intenção, pois de acordo com a justiça, aquela confissão que o homem não propõe a obediência da caridade e da fortaleza contra a avareza, a luxúria ou outro pecado, é imperfeita. Por isso, filho, muitos são os homens que não recebem a penitência, são enganados e vencidos por uma grande e excessiva consciência mas com pouca fortaleza, e têm a louca esperança que a verdadeira confissão venha, a qual esperança é multiplicada na confissão que existe pela segunda intenção.

7. Amável filho, o homem pecador faz grande injúria à contrição, à fortaleza, à caridade e à justiça, quando se confessa com intenção de não sair do pecado. E o homem que não se confessa porque não tem a verdadeira confissão, faz grande injúria à fé, à esperança e à prudência. Assim, já que a confissão é filha da justiça contra a injúria, aconselho-te, filho, que te confesses verdadeiramente pela primeira intenção. Mas se tens um coração tão fraco que não te confesses pela primeira intenção, aconselho-te, filho, que te confesses pela segunda, para que estejas mais próximo da primeira intenção e não estejas tanto contra a santa fé católica e tão contrário aos sacramentos da Santa Mãe Igreja, nem sejas um pecador tão manifesto, desagradável à Deus e às gentes.

V.17. Do Sacrifício

1. Filho, o sacrifício existe pela intenção que o tempo, o lugar, a quantidade e o movimento sejam vencidos no corpo sagrado de Jesus Cristo por Deus, para significar a divina obra infinita e eterna que Deus tem em Si mesmo, sem tempo, lugar e movimento.

2. Amável filho, Deus Pai engendra Deus Filho, e de Deus Pai e Deus filho procede Deus Espírito Santo, e todos os três são um Deus que é imutável, sem lugar, quantidade e tempo, pois na essência eterna e infinita e na obra que existe eternamente e infinitamente por toda a essência não pode existir tempo, quantidade, lugar nem movimento. Por isso, Deus baixou entre nós, fez obra no sacrifício¹¹, onde não houve por natureza tempo, lugar, quantidade nem movimento.

3. Filho, o corpo santo de Nosso Senhor Deus Jesus Cristo está no céu e em todos os altares onde está sagrado pela virtude das palavras. Por isso, em Seu sacrifício o tempo, a quantidade, o movimento e o lugar foram vencidos, porque em um tempo Ele está em diversos lugares e na pouca quantidade da hóstia está toda a Pessoa de Jesus Cristo, que é maior que a quantidade da hóstia.

4. Filho, esta obra existe pelo poder, querer, sabedoria e justiça, onde estão as infinitas virtude, perfeição e glória. Por isso, está demonstrada a virtude infinita através da obra do sacrifício, pois nenhuma outra

¹¹ Na filosofia luliana, “obra” significa “aplicação da atividade divina a um fim”. COLOM I MATEU, Miquel. *Glossari General Lul·lià*. Mallorca: Editorial Moll, vol. IV, 1985, p. 15.

virtude poderia fazer obra igual ou semelhante, nem a criatura poderia receber mais fortemente o significado da divina obra da virtude que Deus tem de eternidade e de infinidade em Si mesmo.

5. Filho, a verdade existe nas coisas espirituais pela primeira intenção e nas coisas corporais pela segunda. Por isso, a tentação tenta os homens no sacrifício através dos sentidos sensuais contra os poderes da alma, pois quando a hóstia não muda de cor nem de quantidade ou sabor apesar de ser forma e matéria de carne, parece, na sensualidade, que a intelectualidade, que crê que aquela hóstia seja o corpo de Jesus Cristo, não esteja com a verdade. Assim, filho, se estás tentado por tal tentação, recorre ao poder divino, que pode fazer todas as coisas, e tem a primeira intenção nas coisas intelectuais e as sensuais na segunda.

6. Amável filho, o sacramento do altar existe pela intenção que a fé, a esperança e a caridade sejam maiores no homem, e que o entendimento possa ser mais exaltado para entender a bondade, o poder, a humildade e a caridade de Nosso Senhor Deus. Pois Deus faz grande bondade quando pratica uma obra tão grande e maravilhosa, sendo grande Seu poder aí sobre a obra natural, e a humildade é muito grande quando deseja humilhar-se e estar tão freqüentemente conosco em tantos lugares. Pelo sacrifício, Deus faz amor, caridade, misericórdia, piedade, amizade e companhia a todos nós. Assim, se tu, filho, não crês nessa obra por desejares obedecer aos sentidos sensuais, fazes injúria à verdade, a Deus e aos sentidos espirituais, que são amáveis e afirmáveis pela primeira intenção.

V.18. Do Matrimônio

1. Filho, o matrimônio existe pela intenção que vontades concordantes sejam obedientes para engendrar filhos pelo ordenamento de Deus, os quais filhos amem e conheçam a Deus, e através deles seja conservada no mundo a natureza humana.

2. Amável filho, na aproximação do homem e da fêmea existe delito carnal, criado por Deus pela intenção do homem e da fêmea se aproximem e engendrem filhos. Mas como o delito existe pela segunda intenção e a geração pela primeira, o demônio tenta os homens e as fêmeas com a luxúria para que tenham a segunda intenção em fazer filhos e a primeira aos delitos carnis, e para que a luxúria possa destruir a castidade em seus corações.

3. Filho, no matrimônio o homem deve pedir, pela segunda intenção, amigos, belas feições, riquezas e honramentos, pois o matrimônio existe pela primeira intenção. Mas as gentes, na maior divisão, mudam as intenções. Por isso, filho, quase nenhum homem que se encontra em matrimônio usa a intenção pela qual existe.

4. Amável filho, assim como Deus ordenou que a natureza ordenadamente use do seu curso¹² em suas obras, da mesma forma Deus deseja que o homem tenha a intenção ordenada em engendrar filhos e filhas, e que os alimente pela primeira intenção e os enriqueça pela segunda. Mas os demais homens fazem o contrário dessas intenções, filho, pelo qual contrário são os filhos mal alimentados e muitas vezes tornam-se pobres, sendo desagradáveis a Deus.

V.19. Das Ciências

1. Filho, as ciências existem pela intenção de conhecer e amar a Deus e conservar o mundo em bom estado. Assim, saibas, filho, que a Teologia existe para que o homem fale de Deus, e existe pela primeira intenção, e todas as outras ciências existem pela segunda; a Filosofia existe, filho, pela intenção de conhecer Deus, e tal conhecimento é demonstrado pela obra natural; o Direito é uma ciência que existe pela intenção de ter justiça; a Medicina existe pela intenção de se conservar a sanidade, e Deus também colocou uma intenção nas outras ciências existentes, pois nenhuma ciência foi criada sem alguma intenção.

¹² O texto latino diz *cursus*. O texto catalão fala de um corpo (“*cors*”) da natureza em singular.

2. Amável filho, os homens que sabem Teologia são tentados na primeira intenção e na segunda para que destruam a intenção pela qual a Teologia existe. Por isso, o demônio se esforça para que o homem ame a Teologia para ser prelado, ou mestre, ou rico, honrado e louvado pela ciência, e que tenha a ciência na segunda intenção. E por tais tentações, filho, muitos homens aprendem Teologia, amando Deus pela segunda intenção e a si mesmos pela primeira, pelo qual amor não usam a Teologia conforme a intenção pela qual existe.

3. Filho, a Filosofia é uma ciência muito agradável de saber, pois a ciência existe porque o homem é muito iluminado nas obras da Natureza e na Teologia. Contudo, filho, muitos homens estão caídos no erro, porque amavam-na pela primeira intenção, pelo qual amor causavam moléstias e desacreditavam¹³ na Teologia contra a fé, a esperança e a caridade.

4. Filho, o Direito é uma ciência que convém à justiça contra a injúria. Contudo, muitos homens são tentados nessa ciência, amando-a pela segunda intenção, e as riquezas, as prelazias, os honramentos e os delitos pela primeira. Por isso, filho, a ciência é injuriada por aqueles homens contra a fé, a esperança, a caridade e a justiça, porque é desviada da intenção pela qual existe.

5. Filho, a Medicina é ciência que ensina expulsar as enfermidades dos corpos e conservá-los em contínua sanidade,¹⁴ e, por isso, é amável pela primeira intenção, mas a maioria dos homens a amam pela segunda, para terem honramentos e riquezas. Por isso, a ciência é neles injuriada e desviada da intenção pela qual existe, pelo qual desvio, filho, muitos médicos malvados usam a medicina falsamente.

6. Amável filho, nas ciências acima ditas o demônio se esforça para destruir a intenção pela qual elas existem. Por isso, filho, as ciências são muito confusas nas práticas de muitos homens malvados, que usam-nas com falsas intenções. Assim, filho, aconselho-te: se amas a ciência, ame-a pela intenção que existe, para que saibas usá-la e obrá-la melhor e mais lealmente, contrastando muito ao demônio.

7. Ah, filho, quão grande ordenamento seria ordenar que as ciências fossem conservadas na intenção pela qual Deus as criou! E existiria nas ciências uma grande iluminação, endereçamento e abreviamento se as ordenássemos aos princípios necessários, conforme a *Arte abreviada de encontrar a verdade*¹⁵, de tal modo que com os universais o homem pudesse encontrar os particulares que convêm à prática das ciências.

V.20. Dos Infiéis

1. Filho, muitos no mundo são infiéis por não crerem na santa fé católica. Eles existem com a intenção de os fiéis cristãos poderem ter matéria e boa disposição para poder amar e conhecer a Deus através da pregação e do caminho do martírio, não duvidando morrer nem suportar trabalhos pelo amor de Deus.

2. Amável filho, aqueles infiéis deveriam ser amados pela segunda intenção, e o caminho do martírio para honrar a Deus deveria ser amado pela primeira intenção. Mas o demônio tenta os cristãos nas duas intenções de tal modo que amam sua morte pela segunda intenção e as terras e as riquezas que os infiéis possuem pela primeira. Logo, saibas, filho, que a tentação diabólica existe pela ausência de fé, de esperança, de caridade, de prudência e de fortaleza, e pela presença da avareza, da acídia e da inveja, fazendo muito mal no mundo ao desviar a intenção das coisas pelas quais existem.

3. Pela primeira intenção, filho, é amável a conversação e a conversão dos infiéis, e pela segunda é amável a guerra e a batalha contra os infiéis. E por isso, filho, os cristãos deveriam mais fortemente a perseguir e

¹³ Lemos “*discredebant*” com o texto latino e um dos manuscritos catalães, em lugar da lição comum em catalão *destreyien*.

¹⁴ O começo deste parágrafo falta na edição do texto catalão: traduzimos do latim.

¹⁵ *Ars compendiosa inveniendi veritatem* (*Art abreviada d'atobar veritat*), obra escrita por Llull em Maiorca por volta de 1274. Trata-se da base do sistema filosófico e teológico luliano, um método universal de conhecimento para todas as ciências, uma redução do conhecimento humano a um número de princípios que se combinam formando figuras geométricas (figura A, B, C, etc.), tentando assim mostrar todas as possibilidades possíveis de entrecruzamento de proposições através desse sistema combinatório.

usar a primeira intenção com os infiéis que da segunda, e como não o fazem, a primeira intenção é injuriada e à segunda é feita maior honra do que se convém.

4. Amável filho, a maior e mais alta intenção que o homem pode ter para multiplicar a fé, a esperança e as outras virtudes, é ter a intenção de dar o conhecimento e o amor de Deus aos infiéis que O ignoram e não O amam. E por essa tão elevada intenção os apóstolos e mártires são muito elevados em santidade e em glória. Logo filho, como isso é assim, quando virá aquele tempo que a intenção estará nos honramentos nos quais costumava estar?

V.21. Da Riqueza

1. Filho, a riqueza existe pela intenção da caridade ser comum, onde a justiça e a misericórdia estejam bem dispostas para satisfazer a intenção contra a avareza, que convém com a injúria e a crueldade. Por isso, filho, a riqueza é amável pela segunda intenção, e a caridade e as outras virtudes pela primeira.

2. Amável filho, se a avareza, a acídia e a inveja não existissem, os bens temporais seriam comuns sem outra especialidade. Assim, para destruir a avareza, a acídia e a inveja, a capacidade de juntar riquezas existe pela intenção especial da riqueza. Isso deve acontecer de tal maneira que, com a riqueza, os homens tenham poder para terem justiça e darem esmolas aos homens pobres, e que tenham esperança, caridade, prudência e fortaleza contra os vícios.

3. Pela ausência da esperança, da caridade e da justiça, que privam o coração do homem viciado¹⁶ pela falta de fortaleza, filho, muitas riquezas mal divididas são desejadas, possuídas e juntadas, e são dadas a muitos filhos indignos de riquezas e que têm intenção contrária às riquezas que possuem, que não teriam se vivessem na pobreza.

4. Filho, sabes por que os homens se esforçam mais fortemente para juntar riquezas corporais do que riquezas de virtudes? Porque amam os bens terrenos pela primeira intenção e os celestiais pela segunda. Por isso, filho, muitos homens são ricos de dinheiros, de posses, de castelos, de vilas e cidades, mas são homens pobres de fé, de esperança, de caridade e das outras virtudes, pela qual pobreza o demônio tenta-os e são desagradáveis a Deus.

V.22. Da Pobreza

1. Filho, a pobreza é desejada pela intenção que o homem possa melhor colocar Deus em sua alma, lembrando, entendendo e amando, e expulsando de seu lembrar, entender e amar as riquezas deste mundo, que são um empecilho para lembrar, conhecer e amar a Deus.

2. Amável filho, a pobreza é amável pela segunda intenção, e a riqueza de virtudes pela primeira. Mas o diabo tenta os homens nestas duas intenções de tal maneira que eles amam a riqueza¹⁷ de virtudes pela segunda intenção e a pobreza pela primeira, e a pobreza pela segunda intenção e o uso dos vícios pela primeira. Filho, o demônio faz esta tentação contra a intenção legítima da pobreza.

3. Filho, quase não existe pobreza no coração dos homens por sua própria intenção, pois amam tanto os delitos deste mundo que convêm com as riquezas, e temem tanto os sofrimentos que a pobreza dá, para que o homem use da fé, da esperança, da caridade, da fortaleza e da temperança, que a pobreza de espírito não tem quase em que se fortificar contra os amantes das riquezas.

4. Amável filho, muitos homens são pobres que têm suas riquezas e seus tesouros nos homens ricos, amando-os pela segunda intenção e suas riquezas pela primeira. Por isso, os homens pobres, que são

¹⁶ O texto da edição latina coloca o princípio deste parágrafo junto ao final do anterior: “[...] *contra vitia, quae per absentiam spei* [...]”. Seguimos o texto catalão. Contudo, indicamos que a divisão da edição latina parece mais acertada.

¹⁷ Traduzimos do latim *divitias virtutum* no lugar do catalão *pobresa de virtuts*.

tentados pela forma acima dita, são contra a intenção da pobreza, a qual deveria ser restituída e conservada por aqueles que a pobreza honrou, fazendo-os ser agradáveis às gentes e a Deus.

V. 23. Do Honramento

1. Filho, o honramento existe nos homens para que honrem a Deus. Por isso, convém honramento aos homens pela segunda intenção, dando honra a Deus pela primeira. Mas o demônio tenta os homens nas duas intenções, para que tenham a primeira intenção para si mesmos e a segunda para Deus.

2. Amável filho, o homem que ama ser honrado pela primeira intenção é orgulhoso e invejoso contra a justiça, a fortaleza e a caridade; é orgulhoso porque ama ser mais honrado que Deus, pois se amasse que Deus fosse mais honrado que ele, amaria ser honrado ele pela segunda intenção e Deus pela primeira; é invejoso porque tem inveja da honra que não lhe convém, e é injurioso na intenção pela qual deseja ser honrado. Assim, é vencido pela soberba, inveja e injúria contra a fortaleza do coração, não tendo caridade, pois ama mais sua honra que Deus.

3. Filho, para que o homem tenha vícios contra as virtudes, o demônio tenta os homens na intenção pela qual lhes convém honramento. Esta tentação, filho, existe segundo o que já disse. Por isso, o honramento nos homens quase saiu da intenção verdadeira e legítima, e os homens são pecadores e desonrados quando desejam honramento, pois grande desonra é o homem ser obediente ao demônio e submetido ao pecado, e nessa submissão pensar ser honrado.

4. Amável filho, o honramento de riquezas, vestidos, parentes, cortes, convites e despesas deve ser desejado pela segunda intenção, e o honramento da fé, da esperança, da caridade e das outras virtudes deve ser desejado pela primeira intenção. Mas o demônio tenta os homens para que tenham a primeira intenção nos honramentos corporais e os espirituais na segunda. Por isso, filho, existem muitos homens honrados nas cortes dos grandes senhores, com honradas vestimentas, mas que são desonrados espiritualmente, pois inclinam seus pensamentos a injuriosas falsidades, traições, covardias, enganos e faltas.

5. Filho, se tu amas o honramento, ama primeiramente naquele honramento a caridade e a justiça de tal maneira que aí existam a esperança, a prudência e a temperança. Então serás honrado na sabedoria e na vontade de Deus, pois a maior honra que podes ter, filho, é que Deus saiba que és justo e amante de Seus honramentos, e assim serás amado por Deus. E a maior desonra que podes ter é que Deus, que sabe todas as coisas, saiba que és glutton, luxurioso, avaro, orgulhoso, acidioso, invejoso, irado, falso e traidor, pois serás submetido a trabalhos infinitos e cairás na ira de Deus.

6. Amável filho, se as gentes te fazem desonra quando fazes honra a Deus, és honrado por Deus, em Deus e com Deus. És honrado por Deus porque Ele te honra em Seu entender e querer; és honrado em Deus porque em Seu saber Ele sabe que és justo e virtuoso, e em Sua vontade és amado; és honrado com Deus porque em Si mesmo e por todos os tempos serás glorificado, assim que em teu lembrar, entender e amar terás a honra que convém a Deus.

7. Ah, filho, quão perigosa coisa é desejar os honramentos neste mundo! Pois o honramento só deve ser desejado para honrar o ofício que lhe é confiado [ao homem] para honrar a Deus. No entanto, a maioria dos homens desejam ter honrados ofícios para serem honrados, e o demônio tenta os homens que honram os oficiais pela intenção deles mesmos e não do ofício. Por isso, filho, existem no mundo tantos trabalhos e tantos erros, enganos, falsidades e faltas.

8. Saibas, filho, que o mais virtuoso¹⁸ e afetuoso desejo que o homem tem pelos deleites desse mundo é desejar o honramento, porque para honrar, amar e servir a Deus são abandonados dinheiros, parentes,

¹⁸ Traduzimos *virtuosus* com o texto latino e um dos manuscritos catalães em lugar do catalão *viciós* que é incompatível com o argumento que Llull apresenta a seguir.

possessões, filhos, mulheres, honradas vestimentas e delicadas iguarias. Mas apenas existe um homem que não deseje ter o honramento contra a intenção pela qual aquilo é desejável.

V.24. Dos Elementos

1. Filho, os elementos existem pela intenção da obra natural, para que exista o corpo humano e dos elementos seja composto, engendrado e sustentado, e para que o homem possa existir e ter vida para conhecer e amar a Deus. Estes elementos, filho, seguem o curso¹⁹ e a intenção pela qual existem, da mesma maneira que os homens, em seus ofícios, devem seguir a intenção pela qual os ofícios existem. Pois se os elementos, que não têm discernimento para pensar nem razão e seguem a intenção pela qual existem, o homem, que tem discernimento e razão, deve seguir em seu ofício a intenção pela qual existe seu ofício e a razão pela qual lhe é dado seu ofício!

2. Amável filho, o fogo é quente e seco, o ar é úmido e quente, a água é fria e úmida e a terra é seca e fria. O fogo é quente por sua propriedade e seco pela propriedade da terra; o ar é úmido por sua natureza e quente pela natureza do fogo; a água é fria por sua natureza e úmida pela natureza do ar e a terra é seca por si mesma e fria pela água. Por isso, filho, cada elemento, de acordo com a ordenação dita acima, tem a primeira intenção em si mesmo e em sua qualidade, e a segunda ao outro elemento.

3. Filho, o fogo recebe a secura da terra pela primeira intenção, porque seu calor convém com a secura, e pela segunda intenção recebe a secura para que nela possa mortificar e destruir o frio que existe na secura por ser contrária ao fogo na segunda intenção da água. E o fogo, filho, dá seu calor ao ar pela primeira intenção porque o calor convém com a umidade do ar, e o fogo aquece o ar pela segunda intenção para que na umidade aquecida, a qual o ar dá à água, o fogo mortifique o frio, que lhe é contrário, e a água recebe aquela umidade aquecida para que possa mortificar e destruir o calor em si mesma. O mesmo se segue do ar e da terra. Por isso, os elementos descem de suas esferas acima e daqui de baixo sobem através da primeira intenção e da segunda, de acordo com as qualidades de cada elemento.

4. Amável filho, pela ordenação acima dita das duas intenções, os elementos entram em composição por geração e corrupção, e são contrários e concordantes por meio e sem meio. Assim, pelo que os elementos fazem, filho, pela primeira e segunda intenção, isto é, o apetite natural, aconselho que tires exemplos deles e uses da intenção com virtudes contra os vícios, para que tenhas Deus na primeira intenção acima de todas as coisas.

V.25. Do Prelado

1. Filho, o prelado existe pela intenção de reger e governar os clérigos que lhe estão abaixo, assim como o povo está submetido ao príncipe. Estes prelados devem ter a primeira intenção aos clérigos e a segunda à sua prelazia. Mas o demônio tenta os prelados para que tenham o ofício da prelazia na primeira intenção, e os clérigos na segunda. Pois através de tal mudança de intenção, são colocadas delicadas iguarias, ócios, vaidades e honramentos, contra a caridade, a justiça, a humildade e a fortaleza, pelas quais a verdadeira intenção é mantida.

2. Amável filho, a intenção de existir prelazia não é colocada na linhagem, nem na sucessão de pai para filho, nem de parente a parente, assim como o principado é [transferido] sucessivamente na linhagem. Isso é assim, filho, porque a prelazia se conquista: se ganha com perfeição de fé, de esperança, de caridade e com as outras virtudes. Por isso, o demônio tenta os homens que desejam ser prelados a terem a intenção da prelazia para conquistá-la com coisas contrárias às virtudes.

3. Filho, no princípio que os homens entravam na cleresia pela intenção de serem prelados, possuindo as riquezas e tendo os honramentos convenientes aos prelados, naqueles tempos, filho, começou a simonia. E sabes por quê? Porque tinham falsa intenção contra a intenção pela qual a prelazia existe. Assim, filho,

¹⁹ Traduzimos do latim; em catalão consta novamente *cors*.

se tu desejas ser prelado, tenhas o legítimo desejo com o qual terás a intenção de que naquela prelazia possas usar melhor das virtudes e ter a Deus na primeira intenção e a ti mesmo na segunda.

4. Filho, muitos homens têm boa intenção de desejar serem prelados. Mas quando são prelados, o demônio os tenta e expulsa a boa intenção que costumavam estar antes de serem prelados, a qual tentação faz [o demônio] com as riquezas e os honramentos que convêm ao prelado. E como aqueles não sabem ter a fortaleza nem as outras virtudes, são vencidos, e são prelados contra a intenção da prelazia.

V.26. Do Religioso

1. Filho, o religioso existe pela intenção de que tenha vida contemplativa exaltada acima da vida ativa. Por isso, filho, o verdadeiro religioso tem a primeira intenção na vida contemplativa e a segunda na vida ativa. E o diabo, filho, tenta os homens religiosos para que não tenham a verdadeira intenção, na qual tentação o malvado religioso consente ao demônio e têm a vida ativa na primeira intenção e a vida contemplativa na segunda, sob o hábito da religião.

2. Filho, assim como os cavaleiros estão submetidos aos príncipes pela intenção de com o príncipe defenderem seu povo e terem justiça, da mesma forma, filho, o religioso na vida ativa deve estar submetido ao apóstolo²⁰ e ao prelado para ordenar o povo que lhe é comandado. Por isso, filho, é destinada a pregação e a confissão aos religiosos para que tenham a vida ativa e a justiça no povo, que se mantém com a fé, a esperança, a caridade e as outras virtudes.

3. Saiba, filho, que o demônio, contra a fortaleza da fé e das outras virtudes, tenta os religiosos para a vida ativa, e o religioso contemplativo se defende com a vida contemplativa.

4. Amável filho, a intenção é mais nobre pela obra que pelas palavras. Por isso, o religioso deve ter as boas obras na primeira intenção e a palavra na segunda, de acordo com a relação da pregação e da santa vida. Mas o demônio, filho, tenta o religioso para ter a pregação e as belas palavras na primeira intenção e a vida santa na segunda de tal maneira que a injúria com os vícios vence nele a justiça em fortaleza e nas outras virtudes.

5. Filho, a intenção pela qual na religião é vida mais alta e mais nobre que em qualquer outro ofício é porque a religião existe pela intenção que os religiosos sejam uma luz e exemplo para as gentes, e que os infiéis sejam endereçados à verdade através do martírio e da pregação do devoto e fervoroso religioso, que não duvida de suportar a morte pelo amor de honrar a Deus, e que pela oração dos devotos e santos contemplativos religiosos a grande misericórdia divina tenha mercê de nós pecadores, e em caridade exalte seus servidores a justiça, que com a misericórdia convém.

V.27. Do Clérigo

1. Filho, o clérigo existe pela intenção que prega a Deus pelos homens seculares de tal maneira que Deus os dê graça quando fazem o bem e não fazem o mal, e que se fazem o mal, que Deus os perdoe.

2. Amável filho, fazer o bem é a primeira intenção e cessar o mal a segunda, pois melhor coisa é fazer o bem que cessar o mal, pois fazer o bem concorda com a fé, a esperança, a caridade e as outras virtudes, umas com as outras, e cessar o mal concorda com as virtudes contra os vícios pela intenção de não fazer o mal. Assim, filho, os demônios tentam os clérigos para que estes tenham a primeira intenção em cessar o mal e a segunda a fazer boas obras. Por isso, muitos clérigos pensam estar no estado de salvação porque não fazem mal nem bem. Apesar de não fazerem o bem, pensam estar escusados porque não fazem mal. Por isso, filho, estão desviados da intenção pela qual existem.

²⁰ Ramon Llull sempre chama o papa de apóstolo.

3. Ao clérigo não é coisa lícita ter mulher, nem ter ocupação ou ofício. Isso é assim, filho, pela intenção de que não fiquem ocupados por filhos nem por bens terrenos e possam pedir a Deus e usar do ofício no qual estão de acordo com a intenção que aquele ofício requer. Por isso, filho, são dadas aos clérigos os dízimos para que possam viver e que toda a sua vida seja em pregar Deus pelo povo. Mas o demônio, filho, tenta-os na intenção pela qual existem, e fá-los desejar riquezas e deleites temporais de tal maneira que sua oração seja impedida e eles sejam indignos de serem ouvidos.

4. Filho, o clérigo existe pela intenção de manter e exemplificar a santa fé católica, e existe para fazer sacrifício a Deus, para destruir os hereges e os erros, para ouvir confissões e para certificar os homens das dúvidas que têm da fé. E o clérigo existe, filho, para pregar e disputar com os infiéis, para dar conselho e pacificar os homens que estão em sofrimento. Assim, filho, como o clérigo existe pela intenção de todas as coisas acima ditas e por muitas outras, o demônio tenta os clérigos na intenção pela qual existem, para que os possa expulsar dela e que eles e seu ofício não tenham intenção nem utilidade.

5. Amável filho, o demônio tenta os homens seculares pela intenção de cleresia, pois muitos homens fazem seus filhos serem clérigos por amor às riquezas e aos honramentos que os clérigos têm; o demônio tenta os clérigos pela luxúria de tal maneira que desejem as mulheres e as filhas do próximo,²¹ e estejam contra o ofício que têm, isto é, fazer matrimônio entre marido e mulher. o demônio tenta os clérigos pela avareza de tal maneira que não dêem os bens que sobram aos pobres de Cristo; e tenta-os pela injúria, para que dêem aqueles bens a seus parentes; e tenta-os pelo orgulho, para que desejem honramentos; e eles são tentados pela gula, comendo delicadas iguarias, e por muitas outras coisas os clérigos são tentados, para que suas obras sejam um mal exemplo para as gentes. Assim, filho, abre os olhos e vê quantos clérigos estão desviados da intenção pela qual existem, porque amam o ofício da cleresia pela segunda intenção e as riquezas da Igreja pela primeira.

V.28. Do Príncipe

1. Filho, o príncipe existe pela intenção de ter justiça em seu principado com temor, pois assim como o santo pai apostólico²² existe no mundo pela intenção de governar e manter seus submetidos com caridade, o príncipe, filho, existe com a intenção de ser temido pelos homens que são inimigos da justiça.

2. Amável filho, o príncipe deve ter a primeira intenção para ganhar mérito em seu ofício através da obra da fé, da esperança e das outras virtudes, e deve ter a segunda intenção em seu ofício. Mas o demônio, que é contrário à ordenação das duas intenções, tenta os príncipes para que a intenção saia do ordenamento pela qual foi criada no homem.

3. Filho, quando o príncipe tem a primeira intenção para ser imperador, rei, duque ou marquês e a segunda para as virtudes, está nesse momento, filho, desviado da verdadeira intenção, e por esse desvio é injusto contra a justiça, pois ela perdeu seu direito no príncipe. Por isso filho, tal príncipe é honrado pelas gentes com a intenção de ter justiça, mas se é servidor e servo da injúria, tal honramento de reinado, de império nem de nenhum outro principado não é conveniente.

4. Se não existisse a injúria não existiria o príncipe, e se não existisse o príncipe, filho, não existiria quem tivesse a intenção completa para ter justiça. Contudo, existem muitos príncipes no mundo que têm pouca intenção de terem justiça em comparação com a intenção de serem honrados, ricos e sãos, preferindo estarem muito tempo nas bem-aventuranças deste mundo.

5. Filho, calcula como são numericamente poucos os príncipes que existem no mundo, comparando a tantos homens que estão submetidos a eles. Filho, imagina como tão poucos homens numericamente na condição de príncipes poderiam ordenar e encaminhar o mundo se tivessem a intenção ordenada na fé, na esperança, na caridade, na justiça e nas outras virtudes. Mas como o mundo se encontra em tão grande

²¹ Completamos o texto catalão com o latino: *concupiscentes uxores et filias proximi*.

²² Isto é, o papa.

desordenamento, trabalho e erro, cogita, filho, como os príncipes convêm na sua intenção com as virtudes ou com os vícios.

6. Amável filho, a intenção pode ser maior ou menor no homem, conforme o grau em que se encontra. Assim, filho, quando acontece da intenção ser desviada de sua regra, quanto mais o homem está em maior grau e contra a verdadeira intenção, tanto mais é inimigo da intenção e do grau no qual ele foi elevado pela intenção, tendo sua intenção em maior desonra que outro homem. Assim, como são verdadeiras estas palavras que te digo, choras filho, e lamentos a danação, a desonra, a injúria e a soberba, e muitos outros males que se seguem por falta da verdadeira, acabada, honrada, humilde e virtuosa intenção, que é forte com a fortaleza, a verdade e a justiça contra os enganos e erros.

V.29. Dos Cavaleiros

1. Filho, os cavaleiros existem com a intenção de servir o príncipe com justiça e temor, pois o príncipe existe com a intenção de com temor tenha²³ justiça. E como o temor e o amor se convêm, e o amor é virtude mais nobre que o temor, por isso, filho, o cavaleiro deve ter o amor na primeira intenção e o temor na segunda.

2. Amável filho, o cavaleiro é tentado pelo demônio, que em seu ofício o tenta com as coisas que convêm à intenção dos cavaleiros, a qual tentação faz mudando a intenção pela qual são cavaleiros. Por isso, filho, quando o cavaleiro não sabe se defender da tentação é vencido e superado no campo da justiça, da caridade e das outras virtudes, no qual campo o demônio o vence com vícios contra as virtudes de tal maneira que ele torna-se um cavaleiro sem a intenção da cavalaria.

3. Filho, sabes por que a tentação é feita contra a intenção? Para que seja a ocasião de destruir o que convém com o ser, e de levar a privação àquele ser pela privação da verdadeira intenção, pois na privação da verdadeira intenção as coisas que existem se inclinam para serem indignas de existir e as coisas que não existem chegam a ser, mas são indignas de ser.²⁴ Por isso, filho, a verdadeira intenção e a falsa se contradizem no cavaleiro, quando o cavaleiro faz da primeira intenção a segunda e da segunda a primeira.

4. Filho, no ofício do cavaleiro há muitas coisas com a intenção de que com todas aquelas coisas o cavaleiro saiba guardar e defender a intenção em seu ofício, a qual guarda se faz com fortaleza do coração justo, humilde, verdadeiro, leal e forte, contra a maldade, o engano, a gula, a luxúria, a avareza, o orgulho, a acídia, a inveja, a ira, a covardia, a traição, a vanglória e as palavras vis.

5. Amável filho, o cavaleiro que tem mais intenção de ser bem armado com as armas corporais do que com as armas espirituais, ama mais ser louvado pelas gentes por fazer grandes golpes na batalha com lança, com a espada ou a maça, matando homens injuriosamente, do que ser louvado pelos golpes da justiça contra a injúria, da humildade contra o orgulho, da castidade contra a luxúria, da lealdade contra a traição e da fortaleza contra a traição.

6. Filho, o demônio tenta o cavaleiro contra a intenção pela qual é cavaleiro para que o cavaleiro seja um meio desordenado entre o príncipe e o povo e para que exista sofrimento entre o príncipe e o povo. Por isso, filho, sábio cavaleiro é aquele que sabe conservar a intenção pela qual é cavaleiro, para salvar a intenção no príncipe e no povo.

V.30. Do Povo

1. Filho, o povo existe pela intenção da congregação e união das gentes, para que os bons costumes nasçam e que existam diversos ofícios na cidade necessários ao homem, assim como o mercador, o ferreiro, o carpinteiro, o sapateiro e os outros ofícios que convêm às artes mecânicas.

²³ Traduzimos *teneat* a partir do texto latino e um dos manuscritos catalães em lugar do catalão *regne*.

²⁴ Completamos o texto catalão com o latino: *et res, quae sunt in non esse, deveniunt in esse, quae sunt indignae ipso esse*.

2. Amável filho, o povo e a cidade existem pela primeira intenção, as vilas e castelos existem pela segunda, a cidade pela segunda intenção, as artes mecânicas existem pela segunda²⁵ e as sete artes liberais existem pela primeira, a qual primeira intenção é, filho, segundo a relação com a Teologia, a Filosofia, o Direito e a Medicina, que existem pela primeira. E todas essas coisas, filho, existem pela segunda intenção e a Teologia e as sete virtudes existem pela primeira, as quais virtudes filho, são a fé, a esperança, a caridade, a justiça, a prudência, a fortaleza e a esperança.

3. Filho, como o povo existe pela segunda intenção e as sete virtudes pela primeira, o demônio tenta o povo de tal maneira que uma desordem seja engendrada nos graus das intenções ditas acima, que convém com a ordenação. E o demônio faz isso contra as sete virtudes, que são os caminhos da glória. E saibas, filho, que os vícios são os caminhos dos sofrimentos infinitos com os quais o demônio tenta para que existam no povo.

4. Amável filho, na cidade existem burgueses pela intenção de manter o direito universal e comum ao povo. Eles têm privilégios, liberdades e isenção de impostos, pela intenção de manter aí os bons costumes e colocar a intenção nos graus que convém. Mas o demônio tenta os burgueses, filho, com delicadas vestes e iguarias, ócios e felicidades de tal maneira que expulsam a intenção pela qual foram estabelecidos na cidade, colocando-os na gula, na luxúria, na avareza e no orgulho, na acídia, na inveja e na ira, que são contrárias às virtudes.

5. Filho, os mercadores são estabelecidos na cidade e em outros lugares pela intenção de trazerem as coisas necessárias àquela cidade. E por seus trabalhos, a justiça consente que eles possam adquirir bens em seu ofício. Mas o demônio tenta os mercadores com a avareza contra a esperança e a consciência de tal maneira que tenham soberba contra humildade. Por isso, faz desejarem o ofício da burguesia, o qual desejo expulsa-os da intenção pela qual foram estabelecidos nas cidades, vilas e castelos. Assim, o ofício da burguesia é desejado pela segunda intenção e os deleites e honramentos nos quais estão os burgueses são desejados pela primeira, sem que seja temida a pobreza, que acontece no burguês mais rapidamente que no mercador.

6. Filho, na cidade foi estabelecido o ferreiro pela intenção de fabricar, e o mesmo se segue com os outros ofícios. Mas o demônio tenta os mestres, quando faz o ferreiro desejar fabricar com a intenção de viver e ter riquezas com as quais possa ser honrado e colocar seus filhos em grandes honramentos de mercadoria e burguesia. Por isso, filho, o ferreiro que consente com o demônio é falso em seu ofício e na intenção pela qual é ferreiro, e é ferreiro sem a intenção da ferraria, assim como o mercador está fora da intenção da mercadoria quando jura falsamente, comprando e vendendo.

7. Amável filho, a intenção é o cumprimento e a perfeição daquilo pelo qual os homens são obrigados a amar e obrar, movendo-se de um lugar ao outro, cogitando e desejando diversas coisas que convêm a este mundo e ao outro. Por isso, filho, o demônio tenta mais fortemente os homens na intenção do que em qualquer outra coisa, pois pelo desvio da intenção acontece a destruição de tudo aquilo que existe pela intenção. Assim, como o demônio destrói a intenção no homem pecador, mudando-o da primeira intenção para a segunda e da segunda para a primeira, concordando vícios contra virtudes, te aconselho, filho, que te guardes do demônio na intenção que tiveres em teus feitos, pois se aquela puder ser verdadeira e ordenada, tu serás agradável às gentes e a Deus.

Amável filho, está terminado este *Livro da Intenção* com a graça e com a ajuda de Deus. E como a verdadeira intenção, filho, perdeu suas posses na maioria dos homens, e pela privação da intenção ordenada o mundo está mais fortemente em sofrimento e em erros que qualquer outra coisa, te peço e te ordeno muito encarecidamente, com justiça, com amor e com temor, que tu, filho, chores e lamentos a danação que acontece no mundo, porque as gentes não possuem a intenção reta em suas obras. E não

²⁵ No original, “...as artes mecânicas existem pela primeira e as artes mecânicas existem pela segunda”. Suprimimos essa repetição, pois nos parece que o autor quer estabelecer uma distinção entre as artes mecânicas (na primeira intenção) e as artes liberais (na segunda intenção). Provavelmente, trata-se de um erro do copista, mantido na edição impressa.

somente te peço, filho, lamentares e chorares, mas te peço e te ordeno que desejes que homens muito sábios, santos e devotos, ardentes e fervorosos no amor de Deus venham em breve tempo e preguem pelo mundo como sejam restituídas a verdade e a consciência, a ordenação, o honramento e a perfeição.

Filho, se tens olhos saibas ver, se tens ouvidos saibas ouvir e se tens memória saibas lembrar, para que com teu entendimento saibas entender e com tua vontade saibas amar o que Deus ordenou no mundo o ordenamento da intenção. Por isso, filho, o ferreiro, o carpinteiro, o sapateiro e os outros mestres têm tantas coisas em seus ofícios que, singularmente com cada uma daquelas coisas e de maneira comunal com todas, seguem a ordenação da intenção, e para que através daquela ordenação o homem use freqüentemente as virtudes contra os vícios, longamente, fervorosa e justamente, temendo, conhecendo e amando a Deus.

